



**Pró-Reitora Acadêmica
Escola de Saúde e Medicina
Curso de Psicologia
Trabalho de Conclusão de Curso**

**OS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA
NOS CONTEXTOS FAMILIAR E EDUCACIONAL E SEUS
IMPACTOS NESSAS RELAÇÕES.**

**Autora: Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo
Orientadora: Prof.^a Dra. Isabelle Patriciá Freitas Soares
Chariglione
Co-orientadora: Prof.^a Msc. Andrea Dias Garzesi Souza**

**Brasília - DF
2016**

ELISÂNGELA KEYLLA HENRIQUE SALES ARAÚJO

**OS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA NOS
CONTEXTOS FAMILIAR E EDUCACIONAL E SEUS IMPACTOS NESSAS
RELAÇÕES.**

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação em
Psicologia da Universidade Católica de
Brasília, como requisito parcial para
obtenção do Título de Bacharel em
Psicologia.**

**Orientadora: Prof.^a Dra. Isabelle
Patriciá Freitas Soares Chariglione.**

**Co-orientadora: Prof.^a Msc. Andrea
Dias Garzesi Souza**

**Brasília
2016**



Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo, intitulada “OS PADRÕES DE COMUNICAÇÃO DA SURDOCEGUEIRA NOS CONTEXTOS FAMILIAR E EDUCACIONAL E SEUS IMPACTOS NESSAS RELAÇÕES”, apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Psicólogo pelo Curso de Psicologia da Universidade Católica de Brasília, junho de 2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Orientadora. Prof.^a Dra. Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione
Psicologia – Universidade Católica de Brasília

Co-orientadora. Prof.^a Msc. Andrea Dias Garzesi Souza
Psicologia - Universidade Católica de Brasília

Banca. Prof.^a Msc. Gleicimar Gonçalves Cunha
Psicologia - Universidade Católica de Brasília

Brasília

2016

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a minha irmã Adryana Kleyde H. Sales Batista e a sua aluna Geicy que foram as responsáveis pela inspiração deste trabalho.

AGRADECIMENTO

À Deus, o Autor da vida. Ele quem me capacitou, me sustentou, me supriu durante todos esses anos. A Ele toda a honra, toda a glória e todo louvor eternamente.

Ao meu esposo Alex, meu maior incentivador, companheiro, amigo, quem me apoiou durante toda minha vida acadêmica. Mesmo quando eu não acreditava, ele permanecia acreditando. Cuidou dos nossos filhos, aceitou e compreendeu a minha ausência, cuidou de me alimentar, quando o que eu só fazia era estudar. Nunca esquecerei o que fez por mim. Eu te amo!

Aos meus filhos Alyne e Arthur, por passarem tanto tempo sem mim e ainda assim, me amam e dizem que sou a melhor mãe do mundo. Tudo o que fiz, faço e farei, será para que vocês tenham o melhor. Acredito que todo esse tempo de dedicação nos trará um retorno positivo. Vocês são a minha razão de viver, a minha motivação para me levantar e lutar dia após dia.

À minha mãe Rosângela que foi meu braço direito, sempre e apoiando e se sacrificando por mim. Às minhas irmãs Chrys, Dryl, Wal e meu irmão Netto, meus sobrinhos Thainá, Letícia e Luiz Guilherme, à minha cunhada Vaninha, minha amiga Áurea que me ajudaram sempre que possível com meus filhos. Ao meu cunhado Luiz Antônio, por me dar apoio em tudo, mas, principalmente na informática. Aos tantos amigos que me incentivaram sempre.

Às psicoamigas Meire, Rose, Wilma, Júlia e Alliny grandes meninas que estiveram presentes durante todo meu trajeto acadêmico. Sempre “dando gás”, quando o meu estava para acabar. Valeu Garotas!

À professora Isabelle Chariglione, minha linda orientadora e grande profissional, que me aceitou com este tema sem medir esforços e sempre me dizendo: “Força, vai dar certo” Você é a melhor! À professora Andréa Garzesi, fundamental para minha evolução neste trabalho. Ao professor Douglas Tybel, que me ajudou com seu material, suas dicas e vídeos a qualquer hora do dia ou da madrugada. À psicóloga Tálita Vieira, por sempre me ouvir e me incentivar a continuar a jornada.

À Universidade Católica de Brasília, por ser a melhor instituição de ensino e por custear todo meu curso.

“As melhores e as mais lindas coisas do mundo não se podem ver nem tocar. Elas devem ser sentidas com o coração”.

Helen Keller

RESUMO

ARAÚJO, E.K.H.S. **Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional e seus impactos nessas relações.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016.

A surdocegueira é uma deficiência de caráter único e não a junção de duas deficiências, ela se caracteriza de forma muito subjetiva, uma vez que cada surdocego desenvolve formas e maneiras de se comunicar. Este trabalho teve por objetivo compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto familiar e escolar podem desenvolver uma linguagem simbólica no processo de interação dos mesmos. Por isso, foram escolhidas as genitoras destas e suas professoras/guias intérpretes para participarem da pesquisa. A família e a escola possuem um papel importantíssimo para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e emocional do sujeito surdocego, sendo os primeiros meios sociais e de ensino da criança. Foram coletados os discursos dos sujeitos de pesquisa e analisados segundo a teoria de Bardin, esperando entender as peculiaridades desses atores na interação da comunicação e no desenvolvimento da linguagem simbólica dos sujeitos surdocegos.

Palavras-chave: Análise de Conteúdo; Interações sociais; Padrões de Comunicação; Surdocegueira; Linguagem simbólica.

ABSTRACT

The deafblindness is a unique character of disability and not the joining of two weaknesses; it is characterized in a very subjective way, since each deafblind develops forms and ways of communicating. This study aimed to understand if the two subjects deafblind communication patterns in the family and school context may develop a symbolic language in the process of interaction between them. So it was chosen the progenitors of these and their teachers / guides interpreters to participate in the research. The family and school have an important role in the cognitive, affective, social and emotional development of the subject deafblind, the first social and child education systems. They collected speeches of research subjects and analyzed according to Bardin's theory, hoping to understand the peculiarities of these actors in the interaction of communication and the development of symbolic language of the subjects deafblind.

Keywords: Content analysis; social interactions; Communication Standards; deafblindness; symbolic language.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
SURDOCEGUEIRA	11
BREVE HISTÓRICO.....	11
NO BRASIL	12
CONCEITOS.....	13
ETIOLOGIA.....	14
CLASSIFICAÇÃO.....	16
A LINGUAGEM E A COMUNICAÇÃO	17
LINGUAGEM.....	17
COMUNICAÇÃO	19
SISTEMAS ALTERNATIVOS DE COMUNICAÇÃO PARA O SURDOCEGO	20
A COMUNICAÇÃO E A FAMÍLIA	22
A COMUNICAÇÃO E A ESCOLA	25
OBJETIVO	26
OBJETIVO GERAL.....	26
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
MÉTODO	27
PARTICIPANTES	27
LOCAL.....	28
INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	28
PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	30
PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS	31
RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	62
APENDICE	62
ANEXOS	69

INTRODUÇÃO

Falar de surdocegueira, comunicação e relações a partir de um ponto de vista da psicologia não foi uma das tarefas mais fáceis. A quantidade de materiais de pesquisa escrita por nossa categoria ainda não se apresenta satisfatória. A pedagogia tem se dedicado muito mais a estudos sobre essa deficiência no que se refere aos processos de comunicação, às interações nas relações, ao processo de aquisição de linguagem simbólica e estão comprometidos em descobrir e desenvolver formas para melhorar a vida destes sujeitos nos contextos em que vivem.

Masini, Teodoro, Noronha e Ferraz (2007) consideram que a falta de conhecimento dos professores universitários entrevistados em relação à surdocegueira e a forma como estes se relacionam no mundo, se deve à falta de leitura de materiais já existentes sobre essa deficiência, sobretudo no campo da pedagogia.

A família, instituição mais importante e a primeira a dar o suporte e a conviver com a pessoa que nasce com surdocegueira ou que a adquire, precisará de apoio multidisciplinar. A escola, a segunda instituição mais importante para o desenvolvimento da pessoa com surdocegueira, será o espaço para a continuação do seu desenvolvimento e aquisição de novas formas de aprendizagem, comunicação e da linguagem simbólica.

Devido ao entendimento de que cada sujeito surdocego desenvolve-se de forma única e apropria-se de padrões de comunicação diferentes, essa pesquisa se justificou através da análise dos padrões de comunicação de duas jovens surdocegas nos contextos familiar e educacional, como formas de compreender se estes padrões possibilitaram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e não somente ao ato de comunicar-se, mas de interagir com o meio social. Entende-se que este estudo contribuiu para os

sujeitos surdocegos, famílias, escolas, sociedade e psicólogos, como instrumento para o conhecimento do desenvolvimento destes sujeitos e a necessidade dos mesmos de serem acompanhados em suas demandas pessoais e psíquicas, de forma que possam se reconhecer como um ser subjetivo. Buscou-se assim, identificar como estes contextos contribuíram para o desenvolvimento de sua linguagem, quanto a sua capacidade simbólica e não somente uma mera forma de comunicação.

Portanto, houve a necessidade de reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: Como os padrões de comunicação utilizados nos diferentes contextos, familiar e educacional, podem refletir no desenvolvimento da linguagem simbólica destes sujeitos?

SURDOCEGUEIRA

BREVE HISTÓRICO

A história da surdocegueira começa no século XVIII com Victorine Morriseau como a primeira mulher surdocega a ser educada formalmente em Paris no ano de 1789 (Collins (1995, como citado por Cader-Nascimento, 2007). Encontra-se registros na literatura sobre outros surdocegos, como Julia Brice, Laura Bridgman, Bertha Galeron e Ragnhild Kaat, a qual teve perdas da visão, audição, olfato e paladar quando tinha quatro anos, após ter sido acometida por uma grave enfermidade não diagnosticada (Monteiro, 1996).

O caso mais conhecido e falado é o de Helen Keller. Nasceu no Alabama – E.U.A., perdeu a visão quando tinha apenas um ano e meio de idade, provavelmente por Escarlatina. A professora Anne Sullivan, foi contratada para educar Helen que já estava com sete anos e apresentava comportamentos agressivos, não compreendia a obediência

e nem apreciava a bondade (Keller, 1939 citado por Cader-Nascimento, 2007). Helen Keller aprendeu a soletrar com as mãos, mas a princípio não havia nenhum indício de que havia associação das palavras com os objetos que tocava. Certo dia, Anne Sullivan colocou as mãos de Helen sob a água que era bombeada do poço e soletrou a palavra "água" com o alfabeto manual, neste exato momento, os sinais atingiram sua mente com um significado claro (Keller, 2008). Helen foi a primeira surdocega a se formar em uma instituição de ensino superior. Publicou vários livros, artigos e foi palestrante com sua professora (Cader-Nascimento, 2007).

A surdocegueira foi considerada como uma deficiência única na IX Conferência Mundial de Orebro (Suécia), em 1991, através da proposta feita por Salvatore Lagati. Desde então, não se utiliza mais o hífen, pois a deficiência não é mais considerada como a somatória das deficiências visual e auditiva, mas uma condição única que apresenta necessidades específicas para o desenvolvimento da comunicação, orientação e mobilidade pessoal e de se inserir no mundo (Lagati, 1995 citado por Masini et al, 2007).

Gaspar, Branquinho, Rebelo, Antunes, Martinho, Silva e Oliveira (2015) ponderam que a surdocegueira é uma deficiência inexplorada, portanto, desconhecida por muitos, embora exista um número significativo de pessoas em Lisboa – Portugal e no mundo comprometidas com esta deficiência. De acordo com a Câmara Legislativa (2013), no último IBGE, há no Brasil 1250 pessoas com essa deficiência. Não se pode considerar este dado, um dado estatístico cem por cento confiável, uma vez que, em outras pesquisas informais, esse número excede de forma discrepante.

NO BRASIL

No ano de 1960, Nice Tonhozi Saraiva iniciou o trabalho com surdocegos. Ela foi inspirada pela visita de Helen Keller em 1953. Nice se dedicou a introduzir a educação

do surdocego no Brasil. Em 1969 fundou a fundação da ERDAV – Escola Residencial para Deficientes Auditivos Visuais localizada em São Caetano do Sul – São Paulo, a qual, foi considerada como a primeira escola na América Latina (Silva, 2007).

Continuando com o relato de Silva (2007), Maria Francisca da Silva, foi a primeira surdocega adulta que se teve notícia. Nice tinha contato com ela por correspondência através do método braille. Em 1977, teve a re-inauguração da escola de São Caetano do Sul com o nome de Escola de Educação Especial Anne Sullivan (EEEAS), da qual Anne Sullivan foi mantenedora.

A ERDAV foi fechada, Nice foi incentivada por Neusa Basseto a dar continuidade ao seu trabalho com surdocegos e a escola, que atendia surdos e surdocegos, foi reaberta. Novas escolas e associações surgiram, como GRUPO BRASIL de apoio ao Surdocego e Múltiplo Deficiente Sensorial, a Associação Brasileira de Pais e Amigos de Surdocegos e Múltiplos Deficientes Sensoriais (ABRAPASCEM) e a Associação Brasileira de Surdocegos (ABRASC) que surgiu em 1998. Começaram a surgir os Encontros Regionais entre surdocegos e profissionais e desde então, acontece no Brasil e no mundo (Silva, 2007).

Maia e Brasil (2004) relatam que, embora a educação do surdocego exista há quarenta e três anos no Brasil, a realidade nacional indica que ainda há um número de pessoas surdocegas e deficientes multisensoriais grande, as quais estão sem atendimento ou com atendimento inadequado.

CONCEITOS

Há nos materiais publicados vários conceitos sobre surdocegueira. Cambuzzi e Costa (2007) retratam como uma deficiência única; Miles (2007) conceitua como um

estado em que se combinam transtornos nos dois sentidos (visual e auditivo) que geram graves problemas de comunicação e outras demandas de desenvolvimento e aprendizagem. Cader-Nascimento (2007) diz ser um dano em diferentes graus dos sentidos receptores à distância, ou seja, há um comprometimento da visão e audição.

Helen Keller, na 1ª Conferência Mundial em 16 de setembro de 1977 em Nova York, juntamente com os delegados, a maioria surdocegos de 30 países, acordaram que “indivíduos surdocegos devem ser definidos como aqueles que têm uma perda substancial de visão e audição de tal forma que a combinação das duas deficiências cause extrema dificuldade na conquista de metas educacionais, vocacionais, de lazer e sociais” (Kidney, 1977 como citado por Aráoz & Costa, 2008, p. 22).

A autora ainda considera que um sujeito que tenha uma perda considerável da visão ou da audição pode, entretanto, ver ou ouvir, mas aquele que tem uma perda considerável destes dois canais sensoriais, experimenta uma combinação de perda de sentidos que pode resultar em grandes dificuldades. A surdocegueira então, é claramente uma forma de deficiência única (Cambruzzi & Costa, 2013) e não a soma de duas deficiências, a qual tem problemas diferentes, específicos e que exigem soluções especiais.

ETIOLOGIA

Dentre as causas mais frequentes da surdocegueira destacam-se:

- Causas pré-natais, como o nascimento prematuro, disfunções pré-natais congênitas, enfermidades produzidas por vírus, frequentemente relacionadas a complicações congênitas originadas por infecções. (Díaz, Bordas, Galvão & Miranda, 2009; Miles, 2007; Cader- Nascimento, 2007; Gaspar et al, 2015).

- Causas perinatais, que envolvem prematuridade com complicações, hiperbilirrubinemia, falta de oxigênio, medicação ototóxica e icterícia (Díaz et al, 2009; Brasil, 2001).
- Causas pós-natais, como meningite, traumatismos, tumores (Díaz et al., 2009; Gaspar et al, 2015), medicação ototóxica, otite média crônica, sarampo, caxumba, diabetes e asfixia (Brasil, 2001).

A causa pode estar relacionada também a anomalias congênicas/outros, como na Síndrome da Associação Charge, abuso de drogas da mãe, hidrocefalia, Acidente Vascular Cerebral (AVC), encefalite, síndrome do alcoolismo fetal e microcefalia, assim como nas síndromes (Brasil, 2001).

Ainda referenciando Brasil (2001), as síndromes retratadas por essa associação são: Down, Marfan, Hallermann-Streiff, Trissomia, Albinismo e surdez, Shprintezen, Stickler, Homocistinúria, Osteogênese Imperfeita, Carpenter, West, Apert, Marshal, Waadeenburg, Bardet Biedel, Hallingren, Hallingren, Weill, Disostose Mandíbulo Facial, Cockayne, Marchesani, Alstrom, Goldenhar e Flyn Ariel. Tais síndromes não serão explanadas uma a uma, mas considerou-se importante a citação de cada uma delas para informar ao leitor que, qualquer uma destas, poderá vir a causar surdocegueira.

Conforme Masini et al (2007), 60% das pessoas no Brasil que adquiriram a surdocegueira foi causada por rubéola congênita. Isso poderia ser evitado através de uma simples vacinação da população feminina. Pode-se então classificar segundo Sala e Aciem (2013), que a surdocegueira pode ser *congênita* ou *adquirida*. *Congênita* se refere à pré, pós e perinatal, por síndromes ou causas genéticas e *adquirida* por síndromes citadas acima.

CLASSIFICAÇÃO

Quanto a sua classificação, a surdocegueira se classifica em dois grupos: Surdocegueira pré-linguística e surdocegueira pós-linguística (Masini et al, 2007; Cader-Nascimento & Costa, 2003; Gaspar et al, 2015). Os termos surdocegueira pré-simbólica e surdocegueira pós-simbólica são utilizados por Garcia (2008). A surdocegueira pré-linguística, o sujeito adquiriu a deficiência antes da aquisição da linguagem, passando a desenvolver outros sentidos, como o olfato e o contato corporal, utilizando estes como sentidos compensadores (Gaspar et al, 2015). Garcia (2008) aponta que na surdocegueira pré-simbólica, se encaixam

Aqueles que são congenitamente surdocegos ou aqueles que adquiriram a surdocegueira antes da estruturação da linguagem. Apesar da pré-linguagem ser a característica fundamental, nesta classificação, isso não significa que, ao nascer, um indivíduo surdocego não apresente resíduo audiovisual, mesmo que rudimentares (p. 27).

Na surdocegueira pós-linguística ou pós-simbólica, o sujeito tem comprometimento dos sentidos visual e auditivo após adquirir a linguagem, com diferentes dificuldades de comunicação, resultando em outros problemas, como as questões emocionais em relação a perda e a aceitação, envolvendo os limites e a dependência de recursos. (Masini et al, 2007). Esse grupo de pessoas que adquirem a surdocegueira após a aquisição da linguagem podem ser pessoas que nasceram com a visão e a audição normal e por algum motivo adquiriram perdas totais ou parciais destes sentidos e pessoas com perdas da audição ou surdas congênicas que adquiriram a deficiência visual ou pessoas cegas congênicas ou com perdas visual que adquiriram a deficiência auditiva.

Waterhouse (1977 como citado por Garcia, 2008) afirma que poucas são as pessoas que são totalmente surdocegas e que destas poucas, uma pequena parte não possui audição e visão desde o nascimento.

A LINGUAGEM E A COMUNICAÇÃO

LINGUAGEM

Sternberg (2010) apresenta a linguagem como uma utilização de um meio organizado de combinação de palavras com a finalidade de criar comunicação. Para ele, a linguagem, que possibilita a comunicação entre as pessoas, também torna possível o pensamento no que se refere às coisas e aos processos, os quais estão presentes, embora não possam ser vistos, ouvidos, sentidos ou cheirados. Para Vigotsky (2001), a função da linguagem não é apenas de comunicar-se, mas é também um recurso muito valioso e importante intelectualmente, o qual se denomina por representações, as quais estão relacionadas ao pensamento (Vigotsky, 2001).

A linguagem se constitui em um sistema arbitrário não somente de sinais, mas também de símbolos, os quais atuam como um processo intermediário entre o pensamento e o mundo externo (Brandão, 2004). A linguagem tem a função de traduzir os estímulos que as pessoas recebem do meio ou os acontecimentos dos quais participam em símbolos ou concepções internas, a partir disso, as pessoas poderão se expressar e/ou traduzir seus conceitos, sentimentos e significados de forma que o outro consiga compreender.

Para Goldfeld (1997), linguagem é tudo o que envolve significação, envolvendo signos linguísticos ou não. É um fenômeno de produção de significação e de sentido, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação. É pela linguagem que o pensamento de um sujeito se constitui. A autora pontua que, ainda que alguém não esteja se comunicando com outra pessoa, a linguagem ainda assim, está presente nele.

De acordo com Vigotsky (2008), antes de qualquer coisa a fala é um recurso de comunicação social de enunciação e compreensão, além do mais, para ele, a fala não é apenas uma forma de comunicação, mas também tem uma função reguladora do pensamento. A linguagem não depende necessariamente do som. Tem-se como exemplo, a língua de sinais e a leitura labial como um tipo de interpretação de movimentos. A linguagem se torna inerente ao ser humano quando ela tem o “uso funcional de signos”, de qualquer signo que tenha a função de exercer um papel correspondente ao da fala nos indivíduos (Vygotsky 2008).

A fala, para Goldfeld (1997), é a produção da linguagem. Em relação ao ser humano, a fala está ligada com reações intelectuais, ou seja, ao pensamento e através dele, ela tem uma tentativa intencional e consciente de influenciar ou informar os outros. Para Vygotsky (2008), além do pensamento, a fala também tem raízes genéticas, mas ambas são diferentes e independentes. Não há um desenvolvimento único das duas funções, são caminhos distintos e construídos de forma diferente. São duas linhas de desenvolvimento, uma do pensamento e a outra da linguagem, as quais em determinado tempo se encontram e o pensamento se torna verbal e a fala se torna intelectual. O pensamento vem primeiro e depois a fala. A influência social da fala é de extrema importância para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem do sujeito.

Sternberg (2010) retrata o ser humano como se este tivesse um dispositivo de aquisição de linguagem, ou seja, como se os humanos fossem programados biologicamente para a aquisição da linguagem. E não importa se ouvintes ou surdos, para ele, crianças surdas que adquirem a linguagem de sinais, o fazem de modo muito parecido e aproximadamente no mesmo ritmo em crianças que adquirem a língua falada com o uso da audição.

O mesmo ocorrerá com o surdocego, desde que ele não seja privado do meio social, assim como as crianças ditas “normais”. Segundo Vygotsky (1983), essas crianças têm a mesma capacidade de desenvolvimento normal, como qualquer outra, por um único detalhe, elas teriam que interagir com a sociedade, assim como as demais.

A linguagem está ligada à comunicação e a comunicação é essencial ao indivíduo, pois é através dela que o sujeito se desenvolve cognitivamente, emocional e socialmente. Por meio dela se obtêm informações do mundo externo e transfere-se sentimentos, vontades, desejos e ideias.

COMUNICAÇÃO

De acordo com Boone e Plante (1994), há um entrelaçamento de informações na comunicação humana, transmitidas por meio de elementos motores, de expressão emocional e vocalizações. Para estes autores, a linguagem falada é uma forma de comunicação, a qual capacita as pessoas a passar informações com peculiaridade e detalhe.

Historicamente a comunicação está presente na humanidade desde os primórdios, é o que afirma Bordenave (1997). Embora não se tenha certeza quando e onde ela começou, o fato é que ela é uma necessidade fundamental do ser humano. Não importa como tenha sido a primeira vez que alguém se comunicou, o que importa é que o ser humano encontrou uma forma de associar sons, gestos, a algum tipo de objeto e a uma ação.

A comunicação normal abarca tanto aspectos verbais quanto não verbais, podendo ocorrer sem a linguagem, e muitas vezes, a linguagem não se comunica tão bem quanto poderia. A comunicação pode eliciar um diálogo sem palavras, não importa a distância,

através de gestos, posturas, expressões, qualquer pessoa pode comunicar-se com o outro, sendo de forma intencional ou não (Boone e Plante, 1994).

No que se refere aos seres humanos, a comunicação é um processo interpessoal através do qual se instaura vínculos com os outros (Serpa, 2005) sendo estabelecidas de maneiras diferentes e de acordo com as possibilidades comunicativas de cada um, podendo acontecer com o movimento do corpo, com a utilização de objetos do ambiente ou no desenvolvimento de um código linguístico.

Amaral (2002) considera a comunicação como uma das necessidades básicas do indivíduo por pertencer à sociedade. A referida autora destaca que a comunicação se dá em todos os momentos, a partir do momento em que há uma relação entre duas pessoas, no simples fato em ouvir uma notícia, ao obter informações do mundo ao redor ou até mesmo através de uma leitura.

De acordo com Viñas (2004, como citado por Cambuzzi & Costa, 2007), a partir do momento em que uma pessoa manifesta uma resposta específica a um tipo de comportamento de outra ou de várias pessoas, ocorreu a comunicação. Para o referido autor, sempre que o comportamento envolver certa intencionalidade e antecipar determinadas respostas, ou quando se dá certa reciprocidade nos comportamentos entre duas pessoas, começando assim um diálogo, pode-se pensar em comunicação.

O surdocego terá conhecimento do mundo através de experiências compartilhadas e mediadas, sendo fundamental que esta interação ocorra com qualidade, de forma que o sujeito seja entendido e atendido em suas necessidades, não apenas como mera comunicação (Cambuzzi & Costa, 2007). Amaral (2002) expressa que uma comunicação com sucesso contribuirá com os sentimentos de autoestima, incrementando as experiências pessoais e apoiando a aquisição de conhecimentos. Se um surdocego não se comunica, ele se isola, o que automaticamente reduzirá suas experiências,

consequentemente, não desenvolverá a linguagem simbólica e terá prejuízos no que se refere à representação.

Existem sistemas alternativos e específicos de comunicação para o surdocego, os quais são explanados no próximo tópico.

SISTEMAS ALTERNATIVOS DE COMUNICAÇÃO PARA O SURDOCEGO

Segundo Brasil (2005), surdocegos pós linguísticos podem utilizar das seguintes formas de comunicação:

Braille tátil - Caso a pessoa antes de ser surdocega foi cega, provavelmente conhece o braille. Caso não tenha mais resíduo auditivo funcional, ensinar a adaptação de leitura e escrita de forma tátil, poderá ajudar muito.

Língua oral amplificada – Este método se dá pelo recebimento da mensagem expressa pelo interlocutor através da língua oral, se dá através do uso, por parte da pessoa surdocega, de aparelho de amplificação sonora (LOOPS). Caso ela tenha resíduos auditivos, a pessoa que quer se comunicar, pode sentar-se ao lado dela e falar perto do ouvido.

Se a pessoa antes de ser surdocega era surda, será muito improvável que ela não conheça Língua de sinais. A língua de sinais é a língua materna dos surdos. Caso esta pessoa não tenha resíduo visual e este não seja funcional, isso significa que este sujeito não poderá ver os sinais ou o alfabeto manual.

Língua de sinais tátil – é um método não alfabético que equivale à língua de sinais utilizada tradicionalmente pelas pessoas surdas, mas que são adaptadas ao tato, seja pelo contato de uma de suas mãos ou de ambas, de forma que toda a informação possa ser compreendida pela pessoa surdocega. Na forma tátil, a interpretação será com a mão do surdocego sobre a mão de quem faz os sinais.

Alfabeto manual tátil – é um método alfabético que equivale ao alfabeto manual habitualmente usado pelas pessoas surdas, às vezes apresentando adaptações, sobre a palma da mão da pessoa surdocega para que esta a sinta através do tato.

Escrita na palma da mão – consiste em escrever a mensagem, de preferência com letras maiúsculas. O interlocutor utilizará o dedo indicador no centro da palma da mão ou em outras partes do corpo da pessoa surdocega para que esta a perceba através do tato. Outra forma dentro desta modalidade é utilizar o próprio dedo indicador da pessoa surdocega e escrever, em uma superfície plana qualquer, a mensagem que quer passar.

Materiais técnicos de sistemas alfabéticos com retransmissão em Braille - Compreende materiais técnicos com sistema alfabético através de máquinas de escrever portáteis, mecânicas ou eletrônicas, ou até mesmo computadores. A mensagem que se deseja transmitir é escrita através do sistema alfabético e repassada à pessoa surdocega em braille.

Método Tadoma – Consiste na percepção da língua oral emitida, mediante uso de uma ou das duas mãos da pessoa surdocega perto da boca do interlocutor. O dedo polegar fica geralmente colocado levemente sobre os lábios e os demais dedos se mantêm sobre a bochecha, mandíbula ou a garganta de quem está falando, ou seja, o interlocutor.

Essas são algumas das formas de comunicação na surdocegueira. Ainda, Brasil (2005) cita também as tablitas Alfabéticas, Sistema Malossi, Escrita em tinta, Leitura Labial e Letra do alfabeto através da posição dos dedos.

A COMUNICAÇÃO E A FAMÍLIA

Quando duas pessoas decidem constituir uma família, elas dificilmente colocarão em seus planos ter filhos com algum tipo de necessidade especial. Mas, o que não se

planeja pode acontecer! Muitas famílias se deparam com os desafios de uma nova forma de comunicação.

De acordo com Dias (2011), a família, além de ser um sistema, é também um processo de interação de seus membros. A comunicação é a ponte, a ligação que instaura relação de convívio e de sustentação de todo o sistema, baseando-se na igualdade ou na diferença. A família se reverte em um meio extraordinário para elaborações e aprendizagens de forma muito significativa. A família não é a única instituição com caráter de socialização na sociedade, mas, é a primeira com a qual a criança tem contato, podendo aprender com a própria experiência na vida familiar (Amaro 2006, como citado por Dias, 2011).

Quando a criança nasce com deficiência e dependendo desta, esses caminhos podem ser desfeitos e a família precisa se rearranjar para dar conta do seu papel perante a sociedade e perante ela mesma. Quando então a criança nasce com deficiência congênita e desenvolve a surdocegueira, as dificuldades são ainda maiores, inclusive financeiras.

Rebello (2014) retrata que o impacto da surdocegueira de um bebê na sua primeira socialização com pais ouvintes não se limita à vocalização ou toque maternos como instrumentos para acalmar um recém-nascido inquieto. Afirma que eles não se orientam pelo som da voz da mãe, nem se acalmam ao som da sua aproximação. Há formas limitadas e únicas de interação, portanto, enfrentará dificuldades na sua habilidade de generalização em relação a pessoas que estão fora do núcleo familiar. A família passa ter um papel muito mais central, no que diz respeito a modelos sociais para a criança.

Para Cambruzzi e Costa (2007), a base para o desenvolvimento da comunicação nas crianças surdocegas, assim como para crianças que estão em desenvolvimento típico de aquisição de linguagem, é de fato a interação. Dias (2011) defende que no comunicar-se se subteme relação, a qual promove capacidade de expressão. Comunicar é muito mais

que quebrar a solidão, é se ligar a um outro, é ter o contentamento das necessidades de ordem intelectual, afetiva, moral e social, tornando-se uma componente essencial da vida de cada um em particular e de todo sistema familiar.

Rebelo (2014) considera a teoria etológica de Bowlby a qual afirma que crianças surdocegas que têm pais que se comunicam com elas em língua gestual tátil desde o berço, vão desenvolver uma relação forte afetiva com os pares e o meio social em que a comunicação se dará entre esses dois sujeitos e desenvolverá um apego com laços afetivos mais fortes. Para aquelas que são privadas do uso da língua gestual tátil, desenvolverão uma forma singular e original de interpretação de estímulos exteriores, pois não compreenderão a razão imediata do estímulo ou a finalidade do mesmo.

O que então se pode entender é que através de trocas de contato físico, qualquer atitude pensada e voluntária entre duas pessoas, é um tipo de comunicação e há mensagens sendo passadas de um para o outro. Isso ocorre muito entre a mãe e criança. É por meio da interação com a mãe que se começa o despertar da criança para a comunicação (Rebelo, 2014).

Então se conclui com Rebelo (2014) que para se ter trocas comunicativas, precisará muito mais que toques sem linguagem falada, ela precisará ser estimulada, ter contato com o outro; a criança precisará aprender formas e meios de comunicação. Para isso, ela precisará de um interventor para lhe fornecer esse contato com o mundo.

Neste processo da comunicação e interação na família e de inserção na sociedade, os aspectos emocionais da família se mostram fragilizados, há uma ambivalência desentimentos e uma busca de conhecimentos e experiências de outros para se ter um suporte emocional. É uma busca de homeostase, em meio a processos de enfrentamento e de resiliência.

A COMUNICAÇÃO E A ESCOLA

A individualidade e a dignidade de cada aluno com surdocegueira devem ser respeitadas em todas as interações de comunicação e nas atividades de aprendizagem. Estes sujeitos necessitam de pessoas que possam mediar o seu contato com o meio. É assim que se dará o estabelecimento de códigos comunicativos entre o surdocego e o receptor. O mediador será o responsável por expandir o conhecimento do mundo que está ao redor desse indivíduo, com o objetivo de lhe proporcionar autonomia e independência (Bosco, Mesquita & Maia, 2010).

Para Farias e Maia (2007), é essencial aprender a partilhar os diferentes tipos de saberes na busca de condições mais apropriadas ao desenvolvimento das potencialidades existente da pessoa surdocega. Uma vez que há uma preocupação para que se tenha um desenvolvimento apropriado, o sujeito surdocego poderá ter uma qualidade de vida. O bem estar para o surdocego, em relação à comunicação, é essencial, pois está relacionado com as necessidades e desejos, uma vez que estes são subjetivos e individuais, independente de ser uma pessoa com necessidades especiais ou não.

Brasil (2005) retrata alguns aspectos essenciais para que a pessoa surdocega tenha qualidade de vida. São eles: comunicação e acesso à informação, independência, aspectos profissionais e aspectos psicológicos. Para os ouvintes, não é preciso fazer nada para se obter uma informação no momento de uma vinheta de propaganda na rádio ao ir para o trabalho, um cego facilmente ficará sabendo de uma notícia ao se sentar perto de uma televisão ligada no canal de jornal, um surdo poderá acompanhar a notícia ou um bom filme com legenda ou através da leitura labial. Mas e o surdocego? Este, para ter acesso à informação precisará de um guia intérprete e/ou da tecnologia desenvolvidas especificamente para o seu tipo de deficiência.

Os sentidos visual e auditivo são importantes e têm um papel determinante para a comunicação. No que se refere ao papel visual, relaciona-se a favorecer a criança assimilação do concreto; proporcionar com que a mesma tenha acesso ao mundo à sua volta; despertar curiosidade de explorar o ambiente, isso faz com que ela se locomova; permite que a criança reconheça objetos e faces familiares e também tenha noção de espacialidade.

No que se refere ao papel da audição no desenvolvimento da comunicação, esta compõe-se em permitir que o contato com o outro permaneça, mesmo que esteja fora do campo visual; possibilita o desenvolvimento da codificação, que vinculada à experiência, favorece o desenvolvimento da capacidade simbólica; possibilita noção de tempo e além de tudo isso permite desenvolver e capacitar o sujeito a se comunicar.

A criança, quando chega na escola, vai se deparar com um contexto diferente e será preciso que a comunicação do mediador seja, então, natural, contextualizada e estabelecida por atividades funcionais e com objetivos de ajudar este sujeito a reconhecer o seu meio e o “mundo”.

OBJETIVO

OBJETIVO GERAL

Compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto familiar e escolar podem desenvolver uma linguagem simbólica no processo de interação dos mesmos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar e analisar os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto familiar;

- Identificar e analisar os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto educacional;

- Diferenciar as possíveis mudanças na forma de interação da pessoa surdocega em decorrência dos padrões de comunicação presentes no contexto familiar e escolar;

- Analisar se estes padrões de comunicação, influenciam no desenvolvimento da linguagem simbólica desses sujeitos.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi composta por seis sujeitos, sendo duas jovens surdocegas de 21 e 24 anos, respectivamente, além de suas genitoras e suas professoras/guia intérpretes. Os critérios para inclusão no estudo foram:

- Sujeitos do mesmo sexo;
- Ser surdocego, com comprometimento total de ambos sentidos;
- Estar matriculado em Escola Pública do Distrito Federal;
- Utilização e conhecimento de Libras tátil e braile;
- Morar juntamente com a genitora;
- A etiologia da deficiência ter sido devido a síndrome da rubéola congênita;
- Não ter nenhum tipo de comprometimento cognitivo e motor;

Os sujeitos que não se encaixassem nos critérios de inclusão, estariam automaticamente excluídos da pesquisa. Porém, ressalta-se que os sujeitos da pesquisa, foram escolhidos como amostra por conveniência. Segundo Gressler (2004), amostra por

conveniência é utilizada simplesmente pelos itens serem acessíveis ou pela facilidade de serem avaliados. No caso dessa pesquisa, pelo fato dos sujeitos serem acessíveis.

LOCAL

A pesquisa foi realizada no Centro de Formação de Psicologia Aplicada (CEFPA), localizado na instituição Universidade Católica de Brasília, cito à cidade de Taguatinga, no Distrito Federal e em Planaltina, uma cidade satélite do Distrito Federal, na residência de uma das participantes, devido ao seu estado emocional, que se encontrava alterado, e a mesma não conseguir se deslocar de sua casa até o CEFPA, tentando por três semanas consecutivas. Então, decidiu-se ir até a participante para que fosse dada continuidade à pesquisa.

INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Entrevista semiestruturada

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram elaborados pela aluna pesquisadora para levantar o maior número de informações a serem analisadas para o alcance dos objetivos propostos. Com o objetivo de identificar interação, comunicação, o tipo de linguagem nos dois sujeitos surdocegos, como a escola e a família participavam desse processo e quais os padrões desenvolvidos pelas jovens surdocegas em cada contexto.

A entrevista semiestruturada tem muito a oferecer para um pesquisador, uma vez que ela pode trazer elementos valiosos que uma entrevista estruturada (fechada) não o faria. O contato com as participantes, no momento da coleta de dados, foi de grande importância para a análise de dados. Além disso, foi escolhido este tipo de instrumento por compreender que se poderia utilizar a análise de conteúdo, que coadunaria com os objetivos dessa pesquisa qualitativa.

Os materiais para cada grupo de participantes foram divididos da seguinte forma: *Surdocegas* - Grupo 1 (APÊNDICE A), estas foram identificadas neste trabalho da seguinte forma: ‘SC1’ e ‘SC2’; *Genitoras* - Grupo 2 (APÊNDICE B), identificadas como ‘G1’ e ‘G2’ e *Professoras/guia intérpretes* - Grupo 3 (APÊNDICE C), as quais foram identificadas como ‘PG1’ e ‘PG2’. É importante ressaltar que estes instrumentos foram elaborados para este estudo.

Cada entrevista teve uma média de 50 minutos de duração, todas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra. A pesquisa também contou com duas auxiliares de pesquisa, uma para cada tríade (surdocega, genitora e guia-intérprete).

Questionário sócio demográfico

O questionário sócio demográfico (APÊNDICE D) foi elaborado especificamente para a pesquisa, contemplando questões pertinentes ao perfil socioeconômico, demográfico e funcional, através das seguintes variáveis: idade, sexo, escolaridade, estado civil, número de filhos, localidade de moradia, condição do imóvel residencial e etc.

Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento (TA)

Fez-se o uso do TCLE como um documento de respaldo para ambas as partes. Havia dois tipos, um TCLE igual para todas as participantes (ANEXO A) e o outro TCLE para autorização das responsáveis (genitoras) (ANEXO B), assim como o TA para as surdocegas (ANEXO C) e o TA para a responsável (ANEXO D), os quais foram entregues antes das entrevistas e assinados, somente após as assinaturas, as jovens puderam participar da pesquisa, assim como as genitoras e as guias intérpretes.

PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, pelo número de protocolo 53889016.1.0000.0029. Somente após a aprovação, se deu início à realização da coleta de dados. Inicialmente, os sujeitos participantes foram contatados para conversar sobre o projeto de pesquisa, convidados a participarem e agendado os horários específicos de cada um no CEFPA. A segunda tríade ficou agendado em dias diferentes, sendo que a 'PG2', foi entrevistada no CEFPA e a 'G2' e 'SC2', foram entrevistadas em dia diferente e local diferente, devido ao seu estado emocional. Como já supracitado.

O procedimento foi seguido da seguinte maneira com a primeira tríade: A primeira entrevista foi com a genitora 'G1', após, a surdocega 'SC1' e por último, a guia intérprete 'PG1'. No segundo grupo, começou com a guia intérprete 'PG2', após sete dias, com a genitora 'G2' e depois com a surdocega 'SC2'. É importante ressaltar que a 'PG1' foi a guia intérprete de ambas surdocegas, devido à um contratempo com a 'PG2'.

Durante as entrevistas fez-se necessário o uso de outras perguntas para que os conteúdos trazidos fossem mais explorados e compreendidos. A primeira tríade e a 'PG2' tiveram um ambiente controlável, não houve interrupções por variáveis externas indesejáveis, o que não aconteceu com as 'G2' e a 'SC2', pois as entrevistas foram realizadas na residência destas e não havia como controlar variáveis externas. O ambiente era totalmente vulnerável a barulhos, embora não tenha havido interrupções.

Devido ao conhecimento prévio de que o sujeito surdocego tem suas particularidades e desenvolve vínculos fortes com aquele que lhe apresenta o mundo em suas mãos, entendeu-se a importância da presença das guia intérpretes durante as entrevistas, por ter ocorrido uma eventualidade com a 'PG2', a 'PG1' foi convidada pela pesquisadora para que interpretasse para a 'SC2'. Vale ressaltar que esta guia intérprete

já havia sido professora da mesma, caso não a conhecesse, a pesquisadora iria esperar a disponibilidade da 'PG2' para a realização da pesquisa. Foi conversado com a 'G2' e a 'SC2' e ambas aceitaram a 'PG1' para interpretar a entrevista.

Nas entrevistas com as surdocegas, a pesquisadora fazia a pergunta e a guia intérprete traduzia em libras tátil para a jovem. Isso foi considerado para que houvesse uma melhor comunicação e conforto por parte das jovens, para que não gerasse ansiedade e insegurança de estar em um local diferente e/ou com pessoas desconhecidas. No caso da 'SC2', ela se sentiu à vontade e estava em sua residência, o que ajudou muito para que não ficasse ansiosa, pois a mesma teve crises de ansiedade quando estava agendada sua ida ao CEFPA.

Pelo fato da guia intérprete estar traduzindo o que a pesquisadora falava, houve também a necessidade de ela interpretar o que a jovem dizia em português, para que fosse registrada sua resposta, uma vez que a entrevista estava sendo gravada. Quando ambas se comunicavam sem que a intérprete traduzisse o conteúdo, a pesquisadora interrompia e pedia para que a guia intérprete respondesse em voz alta o que a jovem dizia e sem dar ajuda ou dicas sobre o que deveria responder. Explicou-se que o conteúdo precisava ser gravado para que não trouxesse prejuízo à mesma.

As entrevistas realizadas com as genitoras e com as professoras/guia intérpretes, seguiu a seguinte ordem: Foi entregue o TCLE para as genitoras e também o Questionário sócio demográfico. Após as assinaturas e preenchimento destes instrumentos deu-se início à entrevista semiestruturada.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

No presente trabalho, foi utilizada, para apreciação dos dados, a análise de conteúdo de Bardin, que a define como “um conjunto de técnicas de análise das

comunicações” (Bardin, 2011, p. 37). Para A. L. George (1959, como citado por Bardin 2011), a análise de conteúdo é comparada a um instrumento utilizado para diagnóstico, mas de forma que se possa utilizar inferências específicas ou alguns tipos de interpretações causais sobre certo aspecto da orientação comportamental de quem está discursando. O procedimento não é obrigatoriamente quantitativo, como se admitia. A análise qualitativa também é utilizada na análise de conteúdo, mas com características particulares, como as inferências dadas pelo pesquisador em relação a fala do sujeito não desprezando o contexto social vivido. É sistematizada e não intuitiva (Oliveira 2008, como citado por Silva e Fossá, 2013).

Bardin (2011) afirma que diferentemente da linguística de F. de Saussure, que tem como objetivo a linguagem, a análise de conteúdo tem como objetivo a fala, ou seja, seu aspecto individual (em ato) da linguagem, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. Portanto, a análise de conteúdo considera as significações do conteúdo, podendo também considerar sua forma e a distribuição dos conteúdos.

Ainda sobre a análise de conteúdo, Bardin (2011) menciona que a organização da análise deve ser feita em três polos cronológicos: 1) a pré-análise, feita através da preparação do material, a transcrição na íntegra (gagueiras, repetições, hesitações, silêncios, suspiros, risos, choros, sons externos ou internos) e organização dos dados, a leitura flutuante, para que o conteúdo se tornasse mais preciso e explorado; 2) a exploração do material consistiu na aplicação sistemática das decisões tomadas pela pesquisadora, feita manualmente e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação foram apresentados através de tabelas, matrizes, as quais foram criadas pela própria pesquisadora, a partir da compreensão do conteúdo dos dados obtidos. Como forma de explicitar ao leitor de forma mais prática como se dá as relações entre os padrões

de comunicação e a caracterização da interação presente entre sujeito e a escola e sujeito e a família, as quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do uso da análise de conteúdo foi possível analisar categorias referentes as falas das seis participantes analisadas. Foram geradas quatro categorias, não levando em consideração a frequência das mesmas, mas com o foco em contemplar os objetivos propostos. As categorias foram: 1) Padrões de comunicação na família; 2) Padrões de comunicação na escola; 3) Linguagem Concreta e 4) Linguagem Abstrata.

1) Padrões de comunicação na família.

Esta categoria compreende elementos que dizem respeito ao modo pelo qual os sujeitos se comunicavam e se comunicam, ou seja, qualquer tipo de comportamento eliciado com a intenção comunicativa, foi considerado um padrão de comunicação.

Para maior compreensão da categoria, foi gerado um quadro com os padrões na surdez e na surdocegueira. É importante ressaltar que a 'SC1', nasceu surdocega e após três cirurgias passou a enxergar, mas tinha baixa visão.

QUADRO 1 – Padrões de comunicação na família durante a surdez e a surdocegueira.

Surdez		Surdocegueira	
Família 1 - *G1 e SC1	Família 2 - G2 e SC2	Família 1 - G1 e SC1	Família 2 - G2 e SC2
Sinais isolados de Libras	Libras	Sinais isolados de libras tátil	Libras tátil
Apresentação de estímulos	Apresentação de estímulos	---	---
Gestos naturais	Desenho	---	Gestos criados
Toques	Toques	**Tecnologia como auxílio	Tecnologia
Linguagem corporal	Linguagem corporal	Linguagem corporal	Linguagem corporal
Reações emocionais	Reações Emocionais	Reações emocionais	Reações emocionais
Fala	Fala	---	---
---	---	---	Escrita na palma da mão

G1 – Genitora 1, SC1 Surdocega 1; G2 – Genitora 2, SC2 – Surdocega 2. *A ‘SC1’ era baixa visão, então, ela já tinha um comprometimento visual. Mas na entrevista, a mãe retrata como surdez. ** A família usa o WhatsApp para gravar o que a ‘SC1’ está falando, envia para a guia intérprete, que traduz para a família o que ela está dizendo.

O Quadro acima traz os contextos familiares com suas subdivisões – padrões de comunicação na surdez e na surdocegueira: Família 1 é composta nesta pesquisa pela ‘G1’ e ‘SC1’ e Família 2 composta pela ‘G2’ e ‘SC2’.

Durante as entrevistas com as genitoras, foram identificados os padrões utilizados entre elas e os respectivos membros das famílias, quando havia somente a presença da surdez. Identificou-se que alguns, dentre os padrões citados, foram utilizados somente para comunicação de necessidades básicas.

A apresentação de estímulos sempre ocorria quando a criança queria algo (fazer, pegar ou comer) à exemplo, segue as falas das ‘G1’ e ‘G2’ respectivamente: *“Às vezes a gente mostrava onde queria alguma coisa. Mostrava alguma coisa pra ela, né? Ela entendia e a gente começava a entender”*; *“[...]ela me pegava na minha mão e mostrava o que que era, o que... o, o objeto que ela queria né. Era complicado. Muito difícil!”*

Os gestos naturais só aparecem no discurso da ‘G1’, a qual utilizava-os com a filha para as necessidades básicas: *“O que a gente passava era ooo, a forma que a gente*

sabia. Não o que a gente tinha aprendido em algum lugar. Entendeu? Nós criamos. Quer comer? Né? Geralmente a gente faz né o gesto de comer, ou você quer dormir? ou você quer tomar banho? Então isso aí foi de dentro de casa mesmo né. ”

O padrão de comunicação desenho só aparece no relato da ‘G2’ como meio de comunicação em casa: *“Ah era difícil! Ela...as vezes ela fazia um desenho pra mim, pra mostrar aquilo que ela queria”*.

Os padrões Toque, Linguagem corporal, Reações emocionais e a Fala estiveram presentes em ambos os discursos. Ambas sentiam dificuldade de estabelecer uma comunicação eficaz a título de compreensão entre o emissor e o receptor.

Quanto ao toque, apareceram na família 1 e família 2 respectivamente as seguintes falas: *“[...] e a criança começou a chorar eee aí eu comecei a parar, e comecei perceber que, às vezes a criança ia pegar alguma coisa e ela não deixava. Aí quando ela não deixava ela ia e beliscava a mão da criança né.”* e *“[...]fa...fazia mostrava se tava com dor de cabeça. Nun nun sabia o sinal o que que era dor de cabeça, mas ela colocava a mão na cabeça né. [...]ela mesmo pegava na mão da gente e mostrava”*

Sobre a linguagem corporal, foram citadas diversas reações das jovens quando ainda surdas. Destaca-se aqui alguns trechos da ‘G1’ e ‘G2’ respectivamente. *“[...]antigamente quando ela era pequena que ela tava num lugar que ela não se sentia bem ela ficava inquieta”*; *“Assim, as vezes eu saía com ela, ia pra casa de algum amigo, e ela queria, ela queria uma coisa e não podia, eu ia mostrar pra ela, ensinar pra ela, não pode ser assim minha filha não pode, essa coisa não é sua, aí o que que ela fazia, as vezes ela me mordida [...]”*

Para Rebelo (2014), a afeição psicológica, pode ser deduzida, embora não vista, a partir de comportamentos específicos da criança. As crianças que são surdocegas não têm

essa possibilidade de estabelecer um contato vocal, mas podem enriquecer a sua interação através do contato gestual, o que denomina aqui de linguagem corporal.

No que se refere aos padrões Reações emocionais e Fala, os trechos das entrevistas estarão organizados seguindo a mesma ordem, fala da 'G1' e depois da 'G2'. *“Bem, quando ela não gostava, ela não gosta, elaaa... ela chorava ooou jogava fora ou empurrava ou esperneava, né. Quando ela tava satisfeita também a gente notava que algo que ela gostou, porque ela pegava, ela sorria né.”*; No que se refere à Fala: *“Aí a gente falava e fazia algum gesto né? Pra, da melhor forma para que ela pudesse vir a entender né? Até ela aprender a libra.”* A 'G2' relatou: *“Às vezes ela era nervosa agressiva porque a gente não sabia comunicar com ela né.”* No que se refere à Fala: *“É falar. Tentan... eu... como ela enxergava eu falava né?”*. Todos esses padrões citados acima com os respectivos cortes das falas das genitoras mostram o tipo de comunicação que Bordenave (1997) fala em relação aos primórdios. Uma comunicação com o objetivo de uma ação, aqui, nos casos expostos, uma ação como tentativa de se estabelecer entendimento ao desejo, vontades e assistência às necessidades básicas. São comportamentos de sobrevivência, inerentes ao ser humano. Davis (1979) retratou este assunto, destacando que antes da evolução da linguagem, a raça humana se comunicava através de um único meio que se dispunha na época, a comunicação não-verbal. Vygotsky (2007) vai nomear de intercâmbio social, o qual é uma das principais funções básicas da linguagem, essa função é mais visível no bebê que está começando a aprender a falar, não consegue articular as palavras, mas consegue de alguma forma expressar seus desejos e estados emocionais através de sons, gestos e expressões. Pode-se afirmar que é o que acontece com a 'SC1'.

Os padrões 'Sinais Isolados de libras' e Libras, foram deixados por último propositalmente, devido a estas trabalharem o simbólico. A libras substitui a fala

verbalizada. Ela é uma fala, porém sinalizada, mas funcionando com uma função reguladora do pensamento como Vygotsky (2008) aponta quando retrata o pensamento e a linguagem. A fala se torna própria do ser humano quando tem o “uso funcional dos signos”, sendo que poderá ser qualquer signo, desde que tenha atribuição de desempenhar um papel que corresponda ao da fala nos indivíduos. Portanto, a linguagem vai além de criar uma comunicação, ela tem uma função de representação do pensamento.

Para que se entenda melhor, é importante retratar o que Stokoe (1960, citado por Moura, Lodi & Harrison, 2005) descreveu sobre a estrutura da língua americana de sinais. Através de sua pesquisa em 1960, constatar que a Língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, ou seja, em termos lexicais, de sintaxe e de capacidade para gerar uma quantidade infinita de sentenças. Além do mais, o referido autor, observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos e complexos, que tinham uma estrutura interior. Portanto, a Língua de sinais tem uma função de representação de pensamento e linguagem.

Segue as falas das genitoras 1 e 2 respectivamente quanto ao uso da Libras: “[...] *Aí quando eu cheguei lá, ela simplesmente falou que queria usar o banheiro (fez o sinal em libras). [...].* *Aí a gente pegou e levou ela no banheiro. Então, é, (aumenta o volume da voz) isso foi uma fase difícil (sorri), mas pra mim que já sabia o que era banheiro não foi tanto, mas pa, pras outras pessoas que acompanhava ela foi difícil por não saber queee, o que ela queria.”; “Aí quando ela cre... aprendeu a língua de sinais, que ela foi me ensinando, foi passando pra mim, aí a convivência foi, foi ficando tranquila graças Deus agora... (silêncio) [...] Depois que ela aprendeu sinais, mais tranquilo. Tranquilo (volume baixo da voz). ”*

A família tem um papel essencial para o desenvolvimento social da criança e para o desenvolvimento da linguagem simbólica. Quando uma criança nasce com suas vias

sensoriais perfeitas, essa criança não é restringida aos sons e às imagens, ela capta tudo o que está a sua volta. Uma criança surda não tem a via auditiva, mas ainda assim tem imagens e pode vir aprender a falar. Por outro lado, se ela não for estimulada a desenvolver o pensamento crítico, tomada de decisões, expressar sentimentos e ter contato com conteúdos abstratos, não conseguirá dialogar criticamente, formular frases, expressar sentimentos e compreender conteúdos mais simbólicos. Portanto, embora aprenda a falar, se não houver sentido para o que ela está falando, seu pensamento será pobre. Por isso a importância do significado para o surdo dos sinais.

Vygotsky (2008) afirma que a criança surda é capaz de aprender e se desenvolver normalmente, mesmo que tenha a ausência de sentidos, mas precisará ser estimulada com as Libras. Para Valadão; Isaac; Rosset; Araújo e Santos (2013) a língua de sinais é considerada uma língua natural para surdos. Essa criança precisará se desenvolver através de diálogos, vivenciando o dia a dia, entrando em contato com histórias, contos, notícias, momentos de descontração, ou seja, convivendo socialmente, para se ter a formação representacional.

De acordo com os dados organizados no Quadro 1 em relação aos padrões de comunicação na surdocegueira, verifica-se que o uso da Linguagem de sinais continua da mesma forma em cada família, sendo que, a única mudança, é que, passou a ser utilizado a Libras tátil, ou seja o tipo de padrão. Rebelo (2014) afirma que a língua gestual tátil é comparada ao motor, o qual forma símbolos indispensáveis ao desenvolvimento cognitivo da criança surdocega.

As genitoras se expressaram de maneiras distintas sobre como foi o processo de comunicação após a surdocegueira de suas filhas. Segue relatos respeitando a ordem da tabela.

Relato da ‘G1’, *“Mas quando ela perdeu, elaaa... aaa limitação dela foi muito grande, né? [...] A comunicação ficou mais difícil ainda! Porquee a gente não sabia, não sabia libra tátil né? Então, para ela foi uma novidade e pra gente também, até a gente saber que pra poder falar com ela tinha que pegar na nossa mão pra ver o que a gente queria, o que a gente tava falando, né?”*

Rebelo (2014) retrata que crianças surdocegas que foram desprovidas da língua gestual tátil, vão interpretar os estímulos externos de forma única, “sui generis”, pelo fato de não compreenderem a razão imediata do estímulo ou até mesmo sua finalidade.

Quanto ao relato da ‘G2’, é possível observar que o padrão de comunicação Libras, já existia e era funcional, só mudou a forma de conversar. A Libras tátil foi bem recebida pela família, não apenas como um mero meio de comunicação básica, mas como uma forma de interação entre mãe e filha *“Ah foi melhorando, porque assim, ela sóóó encontrou profissionais bons na área de surdocegueira né, que foi trabalhado com ela, Eeeee, e assim, as, a comunicação com... depois fffoi, foi ficando tranquila [...] Nnnãooo (balança a cabeça para esquerda e direita e estala a língua que emite sons), não teve não... merma coisa. Eu, eu prefiro conversar com ela, do que só com surdo, que minha comunicação com ela é bem...é, é tranquila.”*

De acordo com Rebelo (2014), crianças que têm pais que utilizam da língua gestual com todas as capacidades que a utilização de uma língua acarreta (semântica, sintaxe e morfologia), desenvolvem uma língua e não apenas comunicação através da associação simples de nome – objeto.

Percebeu-se que o uso da linguagem corporal e as reações emocionais permaneceram. Há a presença nos relatos de choro, raiva, sorriso, satisfação. No caso da ‘SC2’, aparece o isolamento e da ‘SC1’, reações corporais típicas de ansiedade. Segue os trechos: ‘G2’: *“Chorava, se trancava né, aí ficava irritada, quando ela não quer as coisas*

é assim, ela se manifesta dessa forma até hoje né”. A ‘G1’ lembra: “mas aí depois que ela ficou mocinha elaaa fica no lugar, mas só que ela fica inquieta, e aí a gente percebe que ela não tá conseguindo ficar mais ali. [...]. Ela bate na perna (faz o movimento de bater na perna) e fica com cara feia e fica resmungando... Na verdade né!?”

Outros padrões de comunicação que estão presentes somente na Família 2, são: Gestos criados e a Escrita na palma da mão, também mencionados neste trabalho no tópico Sistemas Alternativos de Comunicação para o Surdocego. A ‘G2’ desenvolveu mais formas de comunicação desde que a filha se tornou surdocega. A escrita na palma da mão é uma boa opção para surdocegos pré-linguísticos, pois se supõe que já tenham o conhecimento do português e uma linguagem estruturada. A escrita é a codificação e a decodificação da linguagem e do pensamento (Mello, 2007), a escrita concretiza o pensamento do locutor.

Seguem as falas da ‘G2’ em relação aos Gestos criados e após, sobre a Escrita na palma da mão: *“Ah, eu mais ela tem muita coisa que a gente fala só nós duas, que outras pessoas não entende né? Até o namorado dela mesmo[...] A gente tem assim, tipo assim um truquezinho pra falar, pra diminuir as frases também.”; “[...]E ela quando quer falar comigo assim, que as vezes as pessoas não pode ver sinais, ela escreve na minha mão. ”*

Por último e não menos importante, está o uso da tecnologia. A ‘SC1’ não tem nenhum tipo de contato com aparelhos celulares, computadores, tablets, etc. A família utiliza aplicativos de Libras para que encontrem o sinal correto para poder se comunicar com ela. Quando a ‘SC1’ se comunica com eles, naturalmente, não há uma compreensão total, por não saberem a Libras em sua totalidade e complexidade, mas, somente sinais isolados. Eles recorrem ao *WhatsApp*. A família grava o que ela está fazendo, envia o vídeo para a ‘PG1’ e após ver a gravação responde a família o que a jovem está dizendo e como eles devem responder.

Segue relato da 'G1': *"Inclusive eles até abaixaram um aplicativo no celular né. Que aí eles fala e aí o aplicativo tem um bonequinho que o aplicativo mostra como deve ser falado pra ela. Mostra em libras né. Então quando às vezes ela quer alguma coisa e começa a fazer sinal de libras e elas não sabem, elas corre lá no bonequinho pa tentar entender."* Com o uso do WhatsApp *"Até hoje ainda, quando a gente tem alguma dificuldade a gente passa um vídeo pra 'PG1'. 'PG1' a 'SC1' tá fazendo assim, assim, o que que ela quer? Como é que a gente deve reagir? Que que a gente deve fazer? Aí a 'PG1' vai e manda outro vídeo falando em libras (vai diminuindo o volume da voz) para poder passar pra ela. Com a família 2 é bem diferente o uso do WhatsApp, e-mail, mensagens de torpedo do celular. A 'SC2' utiliza todos esses recursos para se comunicar com a mãe, amigos, conhecidos e o namorado. O e-mail é utilizado através do Display Drive, equipamento próprio para surdocegos. *"Aí o que ela faz, ela digita no telefone e manda a mensagem pra mim, com as palavra dela né, aí facilita. Agora ela passa e-mail..."* (silêncio).*

Resgata-se aqui o que Boas; Ferreira; Moura; Maia (2012) afirmam em relação ao papel da família, o qual é fundamental frente ao trabalho a ser desenvolvido, pois, pode apresentar dificuldades em se comunicar ou até mesmo de se estabelecer o mínimo de comunicação que seja, inclusive nas relações pessoais. A família precisa saber utilizar-se dos meios de comunicação próprios da surdocegueira, para ensinar e se comunicar com o sujeito que se encontra nessa situação, pois o processo de interação entre um profissional da educação, da saúde ou qualquer que seja, poderá não ocorrer devido a não saber utilizar outros meios de comunicação que os não verbais.

2) Padrões de comunicação na escola.

Esta categoria apreende elementos que demonstram o modo pelo qual os sujeitos se comunicavam e se comunicam. Qualquer tipo de comportamento eliciado com a intenção comunicativa, foi considerado um padrão de comunicação.

Assim como a categoria anterior, para maior entendimento desta categoria, foi gerado uma quadro com os padrões de comunicação na surdez e na surdocegueira. Percebe-se que após a aquisição da surdocegueira, alguns padrões permaneceram, um número reduzido foram extintos e outros desenvolvidos. O quadro a seguir mostra os resultados da análise.

QUADRO 2 – Padrões de comunicação na escola durante a surdez e a surdocegueira.

Surdez		Surdocegueira	
Escola 1 – PG1 e *SC1	Escola 2 - PG2 e SC2	Escola 1 – PG1 e SC1	Escola 2 - PG2 e SC2
Libras	Libras	Libras tátil	Libras tátil
---	Braille	Braille	Braille
Repetições de sinais	---	Repetições de sinais	Gestos criados
Gestos naturais	---	Desenho	Cartas
---	---	Escrita	Escrita
---	---	---	Tecnologia

PG1 – Guia intérprete 1, SC1 Surdocega 1; PG2 – Guia intérprete 2, SC2 – Surdocega 2. *A ‘SC1’ era baixa visão, então, ela já tinha um comprometimento visual. Mas na entrevista, a guia intérprete utilizou o termo surdez com a baixa visão.

Os padrões de comunicação em comum identificados no Quadro 2 durante a surdez nas escolas, foi a Libras. Ambas tiveram contato com a Língua de sinais na escola, com algumas diferenças muito importantes. A ‘SC1’, era baixa visão teve somente o suporte da escola com a Libras e não teve acompanhamentos em casa, segundo a ‘G1’:

“Quando ela era pequena ela já tinha essa dificuldade, ela não tinha o acompanhamento adequado igual ela tá tendo agora, né?” ‘PG1’ relata que acompanhou a aluna em 2005 quando a mesma tinha 11 anos, era surda profunda e tinha baixa visão. Segundo o relato,

ela não tinha nenhum tipo de fluência em Libras e quase não se comunicava. *“Muito pouco. Muito pouco, sabia palavras isoladas de libras, mas comunicação mesmo não tinha.”*. A aluna se comunicava com a professora com gestos naturais, *“Em libras. Libras assim, maas... Não, na verdade, não era libras não. Eram gestos mesmo. Gestos naturais. Eu fui tentando ensinar alguns sinais em libras no início, aí como ela mudou e ficou seis anos fora[...]”*. Em outra fala, ela declarou: *“Tudo que eu tentava perguntar pra ela, ela só repetia meus sinais, nunca tinha uma resposta. ”*

Após seis anos, a aluna retornou para Brasília, teve a oportunidade de ser aluna desta mesma professora e aos 18 anos perdeu a visão total. Na Escola 2 a ‘SC2’ teve uma história diferente. Com aproximadamente 5 anos ela começou a estudar no Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEDV) localizada em Brasília. Foi acompanhada por uma professora que lhe ensinou o braile, por saber que ela poderia vir a ficar cega devido a Rubéola Congênita. A família foi acompanhada por esta professora que a incentivou a participar de cursos em São Paulo para conhecer sobre a surdocegueira e saber como lidar com a deficiência. Tudo que a menina aprendia na escola de Libras, ela passava para a mãe. Após os oito anos de idade a ‘SC2’ perdeu a visão, mas já era fluente em Libras e em braile.

A individualidade de cada aluno deve ser respeitada, cada indivíduo tem sua forma de aprender e compreender. Segundo Vygotsky (1983), qualquer criança que tenha contato com o meio social e tenha a oportunidade de interagir com a sociedade, tem capacidade para se desenvolver como qualquer outra criança dita “normal”.

É importante ressaltar que a ‘PG2’ não é a mesma professora que a acompanhou desde pequena. A professora guia intérprete da ‘SC2’ faleceu após um pouco mais de uma década com a aluna. A atual guia intérprete está com ela há apenas cinco anos. Então, o quadro foi feito baseado no relato da genitora, portanto, acredita-se que ela pode ter tido

mais padrões de comunicação na escola, mas não é possível acessar a antiga professora guia intérprete dela com vida para relatar as experiências que ela deve ter tido com a ‘SC2’.

Encontram-se dois tipos de padrões iguais nas escolas na surdocegueira, a Libras tátil e o braile. Na Escola 1 a ‘SC1’ tem uma grande facilidade em aprender o que lhe é ensinado. Segundo a ‘PG1’, sua maior dificuldade é com conteúdo abstrato, além disso, ela afirmou que a aluna tem uma boa comunicação receptiva, mas há uma dificuldade na comunicação expressiva. Relatou: *“A ‘SC1’ sabe a tabuada memorizada. Coisa que muito ouvinte não sabe, muito surdo não sabe. Ela tá aprendendo frases, colocar em, é a concordância, o artigo no lugar certo, qual é o artigo, qual que... Então tudo de conteúdo, tudo (ênfase), a receptiva, a comunicação receptiva ela tem, a expressiva falta muito [...] Então, se eu ensino e ela pega aqui na minha mão e eu ó ‘SC1’, é assim, assim, assim. Ela aprende, pronto. Agora quando ela tem que expressar... Mas conteúdo ela é perfeita. Ela é perfeita em conteúdo. [...]. Ela tem muita dificuldade em história. História eu já tentei... Primeiro, história é muito difícil você passar pro concreto. Muito (ênfase no muito) difícil. Então, assiiimm (silêncio), humm, eu tento me virar para passar história pro concreto, mas... (silêncio). É muito difícil ela entender. Ciências já é mais fácil, ela pega o conteúdo bem. Geografia, ela ama. Matemática, ela é apaixonada. E português também.”*

Rebello (2014) afirma que o fato da criança surdocega não ouvir e não ver, por consequência, terá limitação na comunicação receptiva, que consequentemente influenciará na comunicação expressiva. Por outro lado, caso a criança utilize da linguagem gestual tátil, facilitará a compreensão das mensagens e das interações com as famílias, grupos de pares e grupo social.

Há repetições de sinais em sua comunicação, isso devido seu nível baixo de abstração, suas representações de pensamento são pobres, seus estímulos são sempre no concreto, o que dificulta ainda mais seu desenvolvimento de pensamento simbólico e autonomia de pensamento. ‘PG1’ afirmou: *“Tá deixando isso aos poucos, mas ainda copia. E sabe quando ela copia? Quando ela não sabe qual é a resposta. Não sei se você percebeu, que ela fica procurando aqui na minha mão. Quando ela não tem resposta ela fica agoniada com a mão dela tocando aqui na minha”*

O braille, para ela, foi uma ferramenta importante, através desse sistema alternativo a aluna tem se desenvolvido melhor. É o que relatou a ‘PG1’: *“A metodologia utilizada é tudo voltada pro surdocego pra ver se ela consegue aprender, e ela aprende. E eu percebo que quando tá em braile ela aprende muito mais. Muito mais! Se ela ler aqui em braile, ela memoriza muito mais o sinal. ”*

A ‘SC2’ tem uma experiência diferente da ‘SC1’. Relatou a ‘PG2’: *“Então... ela era uma pessoa que foi suuuper bem trabalhada, porque a, aaa ‘Professora 1’ e a ‘Professora 2’, fizeram um trabalho fantástico com ela. [...]. Ela lê e escreve em braile, então ela já tava totalmente pronta. [...]. Agora existe um diferencial do surdo porque elaaa, ela teve o braile e também né como leitura e escrita desde sempre, porque o que acontece com alguns, é que vão aprender o braile depois, ela não ela já se alfabetizou no, no braile. [...]. Então assim, elaaa nos dias que ela vai ela não tem todas as aulas, aí o que é que eu faço, eu tenho um texto de filosofia, por exemplo, que fala sobre o iluminismo, né ou o professor falando sobre... alguma... ou história né? Aaaa primeira grande guerra, e aí eu vou fazendo perguntas, eu...eu faço o texto em braile, dou pra ela ler, ela pega e me escreve todas as palavras que ela não conhece, não sabe o que é, a gente troca os significados e depois volta isso de novo, porque durante a troca dos significados vem outras palavras que ela não conhece de novo e aí a gente faz perguntas*

minuciosas (ênfase na palavra minuciosas) sobre aquele texto. Éééé...num texto as vezes dá trinta e quarenta perguntas. E aí eu dou pra ela, ela vai lendo, e aí ela bate de novo aquela pergunta e aí a gente vai procurar a resposta no texto. ”

Pode-se perceber o quão importante foi o acompanhamento escolar e profissional que esta jovem teve. Foi significativo para o seu desenvolvimento cognitivo e para sua autonomia. Rebelo (2014) afirma que crianças surdocegas, que usam a língua gestual tátil, mostram melhor aproveitamento da maturidade e decorrentemente terá também melhor desenvolvimento das estruturas cognitivas. A ‘SC2’ tem uma habilidade de comunicação expressiva e uma linguagem simbólica muito desenvolvida. Isso só foi possível devido ao trabalho precoce, pelo envolvimento familiar, por não a isolarem do convívio social e por ter uma mediadora comprometida.

A escola de fato tem um papel essencial na formação do sujeito, mas no caso do surdocego, o mediador é a figura central para que este indivíduo venha a ter contato com o meio, se tornando o responsável em expandir o conhecimento do mundo que está ao redor desse ser que foi privado de seus sentidos auditivos e visuais, com o objetivo de lhe proporcionar autonomia e independência (Bosco, Mesquita & Maia, 2010). “Para a maioria das pessoas surdocegas, o mundo começa e acaba na palma das suas mãos” (Rebelo, 2014, p. 219)

Outros padrões de comunicação identificados foram: Desenho na Escola 1 e a Escrita em ambas escolas. Para a ‘SC1’, estas, são outras alternativas concretas utilizadas pela professora, para a ‘SC2’ a escrita é utilizada como concretização de seu pensamento, como uma forma de se comunicar com o mundo. A escrita da ‘SC1’ é utilizada para responder avaliações, uma forma de comunicar que ela sabe o conteúdo e utilizada como treino para não perder a imagem mental das letras. Segue os relatos das professoras guias intérpretes.

‘PG1’ em relação ao desenho: *“Um jeito que ela tem pra se expressar que ela aaamaaa é o desenho. Porque quando eu entrego um desenho, quando falo ‘SC1’, desenha o que que você fez em casa, aí sai.”* Em relação a escrita: *“Ela escreve, a ‘SC1’, toda vez, como eu dou um espaço aaa, a própria ‘SC1’ transcreve. E o professor vê [...]. É, a lápis [...]. Conseguir. Eu não tirei a escrita porque é uma forma dela se comunicar.”* *Eu não tirei a escrita porque é uma forma dela se comunicar [...] Então, todos os dias a ‘SC1’ tem o treino da escrita pra ela não perder a imagem mental dooo... (pausa) das letras, das formas né?”*.

Segue o relato da ‘PG2’ em relação à escrita: *“oooo... que eu fiz com ela assim, que, que é uma coisa que ff...foi nova, é... cartas, a gente escrevia cartas, ela me contava como tinha sido o final de semana dela, elaaa, é... escrevia carta pros meus filhos que ela conhece, e quando ela começou esse namoro uma das coisas boas foi porque tinha carta, né? Ela escrevia carta e ele mandava carta, porque ela não tinha o display braille; só depois que ela conseguiu.”*

Na Escola 2 encontra-se um padrão que não apareceu nos relatos da Escola 1, os Gestos Criados. Assim como em casa, a ‘SC2’ tem ‘combinados’, é assim que a ‘PG2’ chama com a aluna. *“Então são combinados que a gente vai fazendo para facilitar o trabalho. Até porque, por exemplo, tem um monte de sinal que ela não sabe como escreve a palavra, ou tem muitas palavras que não tem sinal, então é muiiito cansativo”*

Por fim, o último padrão encontrado no Contexto Escolar 2 foi a tecnologia, como mensagens por celular, aplicativos *WhatsApp* e o uso do *e-mail* *“depois das cartas nós começamos a fazer os, as mensagens por telefone e hoje ela me manda e-mail, ela me manda e-mail de tuuudooo. Ela me mandaaaa...ela me mandava mensagens assim tipo...pra cê ter ideia, éééé... quatro, cinco no dia, de, de mensagens por telefone. A gente*

uma vez catalogou mais de 100 mensagens assim em um mês que ela me mandava né. E aí, hoje a gente faz os e-mails, as, as... o WhatsApp que ela usa também né”.

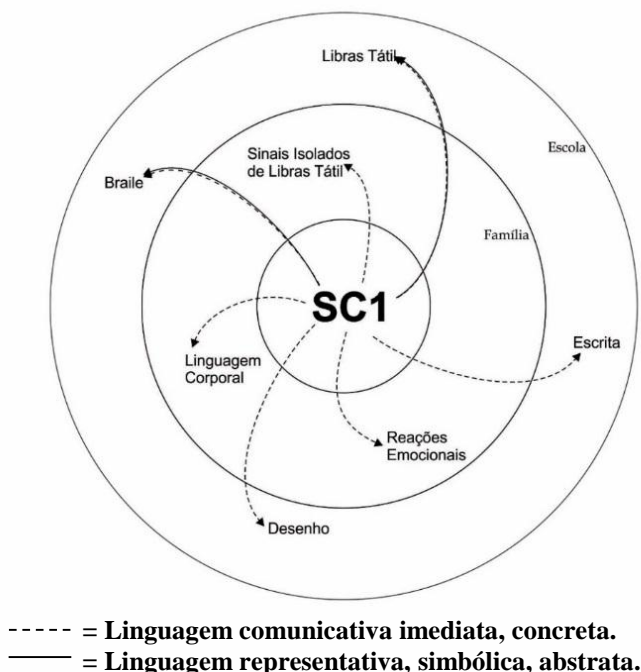
A utilização da tecnologia desenvolve o cognitivo do sujeito, desde a tomada de decisão, pensamento, linguagem, escrita, memória, codificação, ou seja, ela precisará armazenar certos caminhos através de uma representação mental para arquivar, ou reter como é o processo para se abrir um aplicativo ou um *e-mail*. O uso do *display braille*, é um aparelho que codifica toda palavra no computador em braille. Para Vygotsky (1983) a deficiência como a cegueira, faz com que toda a mente se reorganize, abarcando o uso de outros meios, instrumentos e maneiras para alcançar as mesmas metas.

3) Linguagem Concreta

Esta categoria compreende a linguagem concreta como produto da forma de interação com a família e a escola e como ela se caracteriza através da interação nestes contextos. Abarca-se aqui, a comunicação presente para obtenção de desejos, demandas ao ‘aqui e agora’ e como esses padrões nessas relações se caracterizam e como se desenvolveram. A Linguagem concreta não faz representações, não conceitua, não faz conexões de pensamento e não há uma junção de signos linguísticos para produzir uma fala com sentido. Ela é construída através da relação e da interação social.

Para melhor compreensão, foi construída uma matriz gráfica para representar as relações da surdocega participante com a família e a escola e o tipo de linguagem que foi desenvolvida nessas relações. Ressalta-se que a construção desta, foi elaborada pela própria pesquisadora, inspirada pelos discursos e conteúdos identificados nesta pesquisa.

FIGURA 1 – Relação entre padrões de comunicação na surdocegueira e a caracterização da interação presente nos contextos familiar e escolar da ‘SC1’.



A Figura 1 representa a relação da ‘SC1’ e os padrões de comunicação por ela utilizados nas relações familiar e escolar. Utilizou-se linhas tracejadas para representar a linguagem concreta, como forma de representação de que não houve o encontro ainda da fala e do pensamento. Uma linha espaçada e não contínua, a qual está em desenvolvimento e a qualquer momento os traços podem se encontrar, levando o sujeito a capacidade de representação de pensamento e o desenvolvimento de uma linguagem abstrata.

Identificou-se que alguns padrões de comunicação tinham funções de comunicação imediata, ou seja, influenciaram de forma meramente comunicativa. Os processos que se dão mais pontualmente favorecem mais o pensamento comunicativo.

As linhas tracejadas são padrões que favoreceram mais esse tipo de comunicação imediata, que mais atende às necessidades básicas, ligadas ao ‘aqui e agora’. Esses padrões estão presentes tanto no contexto familiar como no contexto escolar.

Entende-se que as relações da ‘SC1’ têm sido mais pautadas em evidências comunicativas do que simbólicas, inclusive na escola, pois os tipos de atividades, as formas de perguntas, os tipos de avaliações não estimulam a representação de pensamento e o nível simbólico. Incluindo a Libras e o Braille.

Observa-se que eles estão tracejados e em linha contínua, porque entende-se que os dois padrões de comunicação podem vir a desenvolver o simbolismo, pois se trata de sistemas altamente simbólicos que reúnem códigos e signos que precisam reuni-los para expressar um pensamento, vontade e sentimentos. Da mesma forma, a escrita e o desenho. Estes, só seriam considerados representacionais, se estivessem sendo utilizados para expressar conteúdos internos, ou seja, não sendo utilizados para cópias ou respostas já prontas e treinadas. Como por exemplo: escrever o nome ou responder uma pergunta cuja resposta é específica, ou desenhar algo que já existe, sem explicar o porquê o fez, o que pensa sobre isto.

Repare que as linhas estão paralelas e não se conectam entre os contextos apresentados. O que a matriz mostra é que o padrão que é utilizado em um contexto, não é utilizado no outro, ou seja, não há uma continuação na família/escola, daquilo que é trabalhado com o sujeito. Entende-se que os dois contextos deveriam se completar e se ajudar mutuamente. Para Maia et al (2012), é a família que desempenha grande influência no processo educacional e terapêutico, pois é com a família que a pessoa surdocega convive a maior parte de sua vida. Os autores afirmam e vão além, que a presença da família e o trabalho de orientação, em todo o processo, coadjuvarão para um desenvolvimento melhor e mais eficaz do sujeito. Certamente, isso envolve todos os âmbitos que o sujeito esteja inserido, escola, terapia, hospital, sociedade.

Ao ser questionada se ela acreditava que se a família da ‘SC1’ soubesse Libras, a aluna estaria diferente na comunicação, ‘PG1’ responde: “A ‘SC1’ tava lá na frente.

Maaas... (silêncio). Porque? Quando você conhece um surdocego que a família sabe libras, ele se expressa bem, ele sabe falar o que ele quer, ou sabe falar criticamente “-Óh, não é por aí! ” Né? Eeee a família não sabendo... (silêncio). Porque não é só na escola, a maior parte do tempo dela é na família, na escola sóóó pela manhã e um dia a tarde. Então... (silêncio longo) O pouco que ela sabe é da escola. ”

Foi identificado nessa guia intérprete um sofrimento muito grande em sua relação com a aluna. Fica evidente a sua entrega na relação que se difundiu e não se identificava por muitas vezes qual era a fala, se profissional ou de relação pessoal. Ela mesmo relatou: *“[...] E eu falo até que é perigosa, porquee a gente cria um vínculo muito grande. Eee o meu medo é quando eu não vou que a mãe esquece e leva, ai pronto, a ‘SCI’ chora, chora, chora e a mãe tem que ir buscar. Então não adianta, então se por algum motivo eu for faltar, eu tenho que avisar a mãe: -Não leve, porque não vou estar! Porque se levar, ela não fica. Então, a interação nossa acaba criando um vínculo enorme (silêncio). Entendeu? ”*

O envolvimento e o comprometimento dessa professora/guia intérprete é tão grande com a sua aluna, que ela expôs seu sofrimento em querer ajudar a estudante a se desenvolver e ter autonomia. Segue um trecho de algumas falas: *“Foi quando ela perdeu a visão. Quando ela perdeu a visão eu fiquei, eu falei “meu Deus do céu”. O chão sumiu. Eu falei e agora? Que que vai ser da ‘SCI’? Elaaa... Surda profunda e cega? Não vê nada, nada, nada. É uma escuridão e um silêncio”. (Longo silêncio. ‘PGI’ abaixa a cabeça e começa a chorar. A pesquisadora pega lenços de papel e entrega para ela).*

A entrevistada chorou por alguns instantes e com suspiros profundos carregados de pedidos de desculpas, continuou: *(Chorando, suspira) “Aaaaa... (Silêncio longo e com choro e suspiros profundos) Eu fico pensando na ‘SCI’ todo dia (pausa. Choro e*

soluços). Eu fico pensando no mundo dela tão silencioso, tão no escuro (choro, suspiros e aspiros). Por isso que eu faço de tudo que eu posso (choro) pra ajudar” (soluços e aspiros).

O papel do guia intérprete é muito importante para o surdocego. Maia et al (2012), o compreendem como o profissional de mediação entre a pessoa com surdocegueira e o mundo a sua volta. É ele quem vai apresentar o ambiente, o objeto, a cena para o indivíduo, de forma descritiva, através da Libras tátil, do braile, ou seja qual for o sistema que este sujeito se adaptou. Ele é um canal, que recebe a informação do meio e repassa para a pessoa surdocega. É um parceiro da comunicação. Conseqüentemente, há a exaustão, a entrega total para aquele indivíduo.

Retomando a matriz, para que se entenda o motivo de não se considerar que a ‘SC1’ ainda não tenha desenvolvido a linguagem abstrata, Brandão (2004), retrata que a linguagem tem a função de traduzir os estímulos que as pessoas recebem do meio ou os acontecimentos dos quais participam em símbolos ou concepções internas, a partir disso, as pessoas poderão se expressar e/ou traduzir seus conceitos, sentimentos e significados de forma que o outro consiga compreender. Para ele, a linguagem se estabelece em um sistema não somente de sinais, mas também de símbolos, e estes atuam como um processo intermediário entre o pensamento e o mundo externo.

Uma comunicação com sucesso contribuirá com os sentimentos de autoestima, promovendo as experiências pessoais e apoiando a aquisição de conhecimentos. Se um surdocego não se comunica, ele se isola, o que automaticamente pode reduzir suas experiências, comprometer o desenvolvimento da linguagem simbólica, acarretando prejuízos no que se refere à representação (Amaral, 2002)

De acordo com Goldfeld (1997), tudo o que envolve significação, signos linguísticos ou não, é linguagem. É um fenômeno de produção de significação e de

sentido, não se restringindo apenas a uma forma de comunicação. É necessário, portanto, que o sujeito tenha a capacidade de representar o pensamento, não basta ter a linguagem, não basta saber a Libras tátil, é necessário ter representação de pensamento para poder expressar suas ideias e pensamentos a respeito de algo. É necessário que ocorra como aconteceu com Helen Keller e tantos outros surdocegos. Keller aprendeu a soletrar com as mãos, mas não havia associação das palavras com os objetos que tocava. Certo dia, ao colocar as mãos sob a água e receber de sua guia intérprete a palavra água soletrada com o alfabeto manual, naquele instante, Keller afirma que os sinais atingiram sua mente com um significado claro (Keller, 2008). Isso precisaria ocorrer com a ‘SC1’, não com o que se refere ao concreto, mas ao abstrato.

A mediação na escola sem dúvida é importante, mas em si mesma não é suficiente. Da mesma forma que a família sozinha não conseguirá dar conta do trabalho. A intervenção com a pessoa surdocega precisa ser mediada de forma coadunada: família e escola, agindo conjuntamente, de modo congruente, dando continuidade ao que a outra começou. Se a família se implicar desde o início no que se refere à comunicação, interação e desenvolvimento de linguagem não só concreta, mas também abstrata, a criança se tornará mais desenvolvida em suas colocações, se reconhecerá como um ser pensante e que tem escolhas e opiniões próprias.

Faz-se necessário expor os resultados e a análise do questionário sócio demográfico, a ‘SC1’ não conseguiu responder todos os campos. Ela contou com a ajuda da guia intérprete para preenchê-lo. A exemplo, no item ‘Estado Civil’, ela não soube responder, pois não sabia o que era a palavra ‘solteira’. Por várias vezes “tropeçava” em respostas simples como quem são as pessoas que moram com você? Qual tipo de moradia? Pois não sabia sinais das palavras ‘cedida’ e ‘alugada’ entre outros.

Durante a entrevista pode-se perceber, o que Vygotsky (2007) chama de mecanismos elementares, que está mais relacionado como por exemplo, a sucção do seio da mãe, reações automatizadas ou processo de associação simples entre eventos.

Em nenhum momento a ‘SC1’ consegue articular as ideias para responder o que estava sendo perguntado. Não há uma significação da junção dos sinais e nem há uma tomada de curso de pensamento organizado para responder à pergunta direcionada a ela. Ao contrário, há cópias de sinais incessantemente, de forma automatizada.

Faz-se necessário trazer algumas perguntas feitas e as respostas dada pela participante. Quando perguntou-se: Quais momentos você interage com sua família? Ela respondeu: “*Desenho*”. Ao ser questionada como era a comunicação dela com a professora e os colegas? Ela respondeu: “*A ‘PGI’ comunica*”. Quando perguntada sobre como era a comunicação com os colegas, ela respondeu: “*Escola*”.

Conclui-se através das respostas que a ‘SC1’ não desenvolveu ainda o pensamento abstrato, nem a capacidade argumentativa. Copia os sinais porque não tem pensamentos generalizantes, ou seja, a língua não se encaixou com o pensamento. Não consegue abstrair e falar criticamente e pensar fora do concreto. Seus padrões de comunicação compreendem repostas curtas e palavras isoladas, provavelmente por ser essa funcionalidade de sua comunicação. Ou seja, atender as necessidades existentes no aqui e agora.

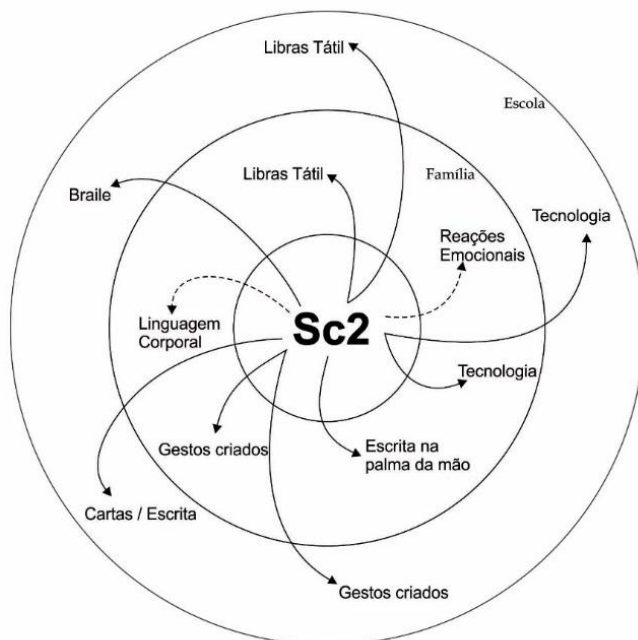
4) Linguagem Abstrata

Esta categoria compreende a linguagem abstrata como resultado de uma interação social. A linguagem abstrata se desenvolve através do contato social, desde que a criança que tenha qualquer tipo de deficiência, comece a ser estimulada e a interagir logo com seu meio. Portanto, nesta categoria também será avaliado a interação nos

contextos familiar e educacional. A linguagem abstrata é totalmente representacional, há presença de expressões de desejos, vontade, sentimentos. Isso só é possível através das conexões entre fala, pensamento e linguagem.

Na figura a seguir apresenta-se uma matriz, que, assim como a da categoria anterior, retrata a relação entre os padrões de comunicação da ‘SC2’ e a caracterização da interação da mesma nos contextos familiar e educacional. Pode-se perceber a importância desta sociedade família e escola. Embora a família não soubesse o bem que estava fazendo para este sujeito em questão, entenderam, através de intervenção da professora que acompanhava a criança, que se fazia necessário a presença da família para que a mesma evoluísse, oportunidade esta, que a primeira família não teve, ou seja, profissionais capacitados, dispostos e conhecedores da deficiência, para acompanhá-la quando ainda pequena.

FIGURA 2 – Relação entre padrões de comunicação na surdocegueira e a caracterização da interação presente nos contextos familiar e escolar da ‘SC2’



----- = Linguagem comunicativa imediata, concreta.

———— = Linguagem representativa, simbólica, abstrata.

Na figura 2 encontra-se uma matriz totalmente diferente da primeira que foi exposta na categoria 3. Existem dois padrões de comunicação pontilhado na relação familiar. Essas linhas pontilhadas representam a linguagem concreta, como já explicado anteriormente. Todos os outros padrões se caracterizam de maneira abstrata, representado com linhas contínuas. Observe que as linhas contínuas se conectam, isso significa que o trabalho é feito nos dois contextos, ou seja, há uma parceria entre os dois contextos. Os padrões de comunicação Braille, Cartas e a Escrita no papel é utilizado somente na escola, por isso as linhas não estão constadas a família, pois neste contexto, eles não utilizam desses padrões. Já a Escrita na palma da mão, é utilizado somente na família e este padrão não se encontra na escola. Estes padrões influenciaram de forma mais abstrata, levando a 'SC2' à representação e à abstração.

O pilar para o desenvolvimento da comunicação nas crianças surdocegas, assim como para crianças que estão em desenvolvimento típico de aquisição de linguagem, é de fato a interação (Cambruzzi e Costa, 2007). O ato de se comunicar, para Dias (2011), já subtende uma relação. Para ela, a relação promove habilidade expressiva, e não somente um ato de interromper a solidão. A relação faz com que a pessoa se ligue a um outro, colabora para que as necessidades sejam atendidas e não somente de ordem intelectual, mas afetiva, moral e social, tornando-se um componente essencial da vida de cada um em particular e de todo sistema familiar. Na relação do surdocego, a Libras tátil promoverá essa ligação.

Compreende-se que a própria Libras pode ser considerada como uma mediadora de simbologia, pois os sinais carregam consigo um significado, ou seja, cada sinal carrega consigo um signo, a partir do momento que o sujeito o simboliza, ele vai precisar não somente memorizar aquele sinal específico, mas a partir do momento em que se formula frases, pensando em um processo interativo, é preciso reunir um

conjunto de sinais que dê conta de expressar seu pensamento. O próprio ato de falar em libras é um ato simbólico e uma forma de obter uma relação compreensível e respeitosa com a pessoa que tem suas limitações sensoriais.

A partir do momento em que a família caminha juntamente com a pessoa surdocega e passa a utilizar-se dos padrões dela para se comunicar e não exigir que ela utilize de outros meios para sobreviver de forma básica na família, a pessoa com a deficiência terá mais chances de desenvolver o pensamento crítico, criar representações, expressar desejos, sentimentos, vontades, ou seja, desenvolverá capacidades argumentativas. A pessoa surdocega terá conhecimento do mundo por meio de experiências compartilhadas e mediadas, sendo essencial que esta interação aconteça com qualidade, de forma que o sujeito surdocego seja entendido e atendido em suas necessidades e não apenas como mera comunicação (Cambruzzi & Costa, 2007).

Foi o que ocorreu com a 'SC2'. Pode-se utilizá-la como um exemplo bem-sucedido de uma parceria entre escola e família, pois a mesma tem uma capacidade de elaboração incrível. A exemplo disto, pode-se trazer o exemplo do questionário sócio demográfico. A 'SC2' leu todo ele em braille e respondia em Libras. A intérprete dando voz a ela e tirando possíveis dúvidas, como por exemplo, a palavra 'gênero', a qual ela disse não conhecer. A intérprete explicou e ela respondeu tranquilamente.

Vygotsky (2007) traz conceitos importantes sobre processos mentais superiores, típicos do ser humano, que inclui o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do sujeito em vinculação com as características do momento e do espaço presentes. Esses processos mentais superiores fazem com que o ser humano tenha condições de pensar em algo futuro, imaginar eventos nunca vividos, pensar em objetos ausentes, planejar ações a serem realizadas posteriormente.

Se faz necessário trazer exemplos de falas da entrevista da ‘SC2’ para exemplificar esses processos mentais superiores. Em dado momento do questionário e da entrevista perguntou-se para a ‘SC2’: Você tem profissão? Resposta: *“Ainda não; ainda não conseguiu nada só estudante. No futuro ela vai trabalhar”*. Outra pergunta: Qual seu estado civil? Casada, solteira, viúva...? Resposta: *“Só namorando né (sorri). Solteira por enquanto, só até dezembro.”* Ao ser questionada sobre pertencer à alguma religião, respondeu: *“Ainda nenhuma. Vou começar ainda frequentar alguma igreja. Talvez a Batista. É ruim porque intérprete não tem”*. Ao ser perguntada se alguém na família sabia Libras, ela respondeu: *“A mamãe sabe um pouco, o papai um pouquinho, minha irmã nada, minha sobrinha um pouquinho, o pequenininho mistura tudo não sabe nada e o bebê é a coisa mais fofa” (pega nas próprias bochechas).*

Com respostas elaboradas assim, não se pode deixar de trazer as demais respostas da participante. Foi perguntado a ela: Quando você quer alguma coisa, como faz pra obter o que quer? Resposta: *“Eu penso [...]. Eu sou livre, me sinto livre e independente pra fazer”*. Ao ser questionada como era a comunicação dela com a professora e seus colegas, ela respondeu: *“Sim, com a ‘PG2’ me comunico. Ela é minha guia intérprete e me ensina todas as matérias. Sou uma aluna só numa sala. É chato”*. Durante a entrevista trouxe frases como *“Não gosto”, “Sinto inveja”; “Fiquei triste e às vezes fico triste”*. Tais palavras só podem ser expressadas quando se encontrou sentido nelas. Estas frases foram utilizadas no contexto e carregadas de sentido.

As respostas mais elaboradas são desenvolvidas através da linguagem simbólica. Quando ela usa as palavras: triste, inveja, difícil, livre, não gosto, ruim, eu penso... a ‘SC2’ está encaixando palavras que carregam um significado com outras para formular uma frase. Isso é altamente simbólico e argumentativo. Isso faz parte de funções psicológicas superiores. É nítido que há sentidos fortes para ela em cada resposta e

também cheio de significados. Há claramente uma mediação simbólica, do uso de signos, que para Vygotsky (2007) é um instrumento psicológico.

Quando ela disse: “*Sou uma aluna só numa sala. É chato.*”, ela demonstra o que é uma sala de aula para ela. Apesar da presença de outros alunos, ela se sente só. Isso é representação de pensamento e a utilização também do signo “só” para demonstrar como ela se sente em sala de aula. A representação mental está claramente imposta nas respostas dessa jovem.

Quando ela afirma: “*Solteira por enquanto, só até dezembro*”; “*Eu penso [...] Eu sou livre, me sinto livre e independente pra fazer*”; “*Ainda nenhuma. Vou começar ainda, frequentar alguma igreja... ruim. (Intérprete interrompe) Intérprete não tem*”, mostra o que Vygotsky (2007) traz sobre representação mental. O ser humano é altamente capaz de operar mentalmente sobre o mundo. O que acontece é que ela está trabalhando com um conceito, uma palavra, um tipo de representação de signo. Para que a comunicação seja feita de forma mais sofisticada, será necessário que ela utilize signos compreensíveis por outras pessoas que traduzam o que ela expressa em relação a sentimentos, vontades, desejos, pensamentos, tudo de forma bastante precisa. Isso se chama para Vygotsky (2007) pensamento generalizante, que é a segunda função da linguagem.

A fala de ‘SC2’ trouxe exatamente o que é abordado neste trabalho: “*Ah, banheiro, água era fácil, limpar lavar roupa tudo isso era fácil*”. Aqui ela expõe que comunicação com funcionalidade apenas de se comunicar, de sobrevivência é fácil. O difícil para o deficiente surdocego e também para o surdo é desenvolver um pensamento representacional e uma linguagem simbólica que o permita dialogar e interagir com o meio de forma que haja compreensão de ambas as partes envolvidas na relação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas considerações começam com comparações. Pode-se comparar a surdocegueira à uma Península. Uma península é uma fração de terra, toda cercada de água por quase todos os lados, exceto por um, o qual se liga ao continente ou a um espaço de terra maior. O surdocego não tem muitas opções de acesso ao mundo, é cercado por uma imensidão de silêncio e escuridão, a não ser pela comunicação, a qual se torna o canal que o liga a um pedaço de “terra maior”, assim como o lado da península. Somente através das mãos de um mediador, do braile ou de alguns sistemas de comunicação eletrônicos é que o surdocego conseguirá alcançar “um pouco” do que está a sua volta. É certo que ele não enxergará e nem saberá a cor vibrante do pôr do sol ou talvez não saberá como é prazeroso ouvir o cantarolar dos pássaros no alvorecer, mas ele pode através de seu tato, sentir a descrição vibrante de um mediador que saiba falar sua língua, a Libras tátil.

Este trabalho pode ser considerado como uma península também. Um pedacinho de terra, cheio de limitações, as quais convidam a um aprofundamento, não nas águas da escuridão ou da falta do conhecimento, mas a utilizar o lado certo para se entender mais sobre este assunto tão desconhecido na psicologia. O estudo científico é o lado certo. O tema não foi esgotado, até mesmo porque não era esse o objetivo, além do mais, isso seria impossível. Esta pesquisa foi apenas um ‘disparador’ para os profissionais da psicologia - os profissionais da escuta diferenciada.

Este trabalho alcançou objetivos que não estavam previstos, como compreender como os familiares que cuidam do surdocego precisam de ajuda terapêutica, de auxílio para lidar com as intempéries da vida. O fardo é pesado. Os profissionais que

acompanham essas pessoas estão adoecendo e os surdocegos não tem com quem compartilhar suas questões pessoais. Há que se fazer algo para que essas pessoas sejam atendidas nos consultórios, nos hospitais, em escolas, na comunidade por profissionais preparados para lidar com questões psíquicas e emocionais. As famílias estão despreparadas para lidar com a deficiência e quando elas não são instrumentalizadas, as consequências psicológicas são catastróficas.

Há um segundo objetivo não planejado, que fora alcançado no presente trabalho. Durante a entrevista com a 'PG1', ela apresentou profundo sofrimento, foi oferecido apoio psicológico à mesma, ela não havia dado conta de suas questões emocionais em relação a sua aluna. Somente durante a entrevista isso aconteceu. Foi atendida com um pouco mais de 24h da entrevista, por um psicólogo que a acolheu e trabalhou com ela as suas demandas.

Após algumas semanas ela entrou em contato com a pesquisadora, falando que havia mudado o modo de trabalhar com a sua aluna, ela estava em sala de aula com os demais alunos e trabalhando conteúdos simbólicos e abstratos com a jovem surdocega e já estava tendo bons resultados. É possível passar para o pedaço de terra maior e depois para lugares que não tenham limites e nem fronteiras.

REFERÊNCIAS

- Amaral, I. (2006). Comunicação em cooperação. Em: X. Serpa. *Ensino a criança surdocega*. (pp. 24-35). São Paulo: Grupo Brasil.
- Araóz, S. M. P. de, & Costa, M. P. R. da. (2008). Aspestos Biopsicossociais na surdocegueira. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 14(1), 21-34.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: 70.
- Boas, D. C. V., Ferreira, L. P., Moura, M. C. de, & Maia, S. R. (2012). A comunicação de pessoas com surdocegueira e a atuação fonoaudiológica. *Distúrbios da Comunicação*, 24(3), 407-414.
- Boone, D. R., & Plante, E. (1994). *Comunicação humana e seus distúrbios*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bordenave, J. E. (1997). *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense.
- Bosco, I. C., Mesquita, S. R., & Maia, S. R. (2010). *A educação especial na perpeçyiva da inclusão escolar. Surdocegueira e deficiência Multipla*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial e Universidade do Ceará.
- Brandão, M. L. (2004). *As bases biológicas do comportamento Introdução à neurociência*. Brasil: E.P.U.
- Brasil, G. (2001). *Surdocegueira*. São Paulo: Grupo Brasil
- Brasil, G. (2005). *Surdo Pré-Linguístico*. São Paulo: Grupo Brasil.
- Brasil, G. (2005). *Surdocego pós-linguístico*. São Paulo: Grupo Brasil
- Cader-Nascimento, F. A. A., & Costa, M. P. R. da. (2003). *Implementação e avaliação empírica de programas com duas crianças surdocegas, suas famílias e a professora*. Tese de doutorado, Universidade de São Carlos, SP , Brasil.

- Cader-Nascimento, F. A., & Costa, M. d. (2007). *Descobrimo a sudocegueira educação e comunicação*. São Carlos: Edufscar.
- Cambruzzi, R. de C. S., & Costa, M. P. R. da. (2007). Análise dos Níveis de comunicação do aluno com surdocegueira. *Temas em Psicologia*, 15(2), 249-268.
- Cambruzzi, R. de C. S., & Costa, M. P. R. da. (2013). *Surdocegueira e aprendizagem: VII Encontro da Associação Brasileira em Educação Especial*, (pp. 2332-2341). Londrina, PR.
- Davis, F. (1979). *A comunicação não-verbal*. São Paulo: Summus.
- Dias, M. O. (2011). Um olhar sobre a família na perspectiva sistêmica-O processo de comunicação no sistema familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Díaz, F., Bordas, M., Galvão, N., & Miranda, T. (2009). *Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas*. Salvador: EDUFBA.
- Farias, S. S. P., & Maia, S. R. (2007). O surdocego e o paradigma da inclusão. *Inclusão*, 4, 26-29.
- Garcia, A. (2008). *Surdocegueira: empírica e científica*. São Luis Gonzaga: [sn].
- Gaspar, T., Branquinho, C., Rebelo, A., Antunes, M., Marinho, F., & Oliveira, P. L. (2015). Surdocegueira: Crianças e jovens surdocegos em Portugal. *Psicologia da Criança e do Adolescente*, 6(1), 35-41.
- Goldfeld, M. (1997). *A criança surda Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. [S.1]: Plexos.
- Gressler, L. A. (2004). *Introdução a pesquisa. Projetos e relatórios*. São Paulo: Loyola.
- Keller, H. (2008). *A história da minha vida*. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- Legislativa, C. (2013, 4 de setembro). Recuperado 31 de outubro, 2016, de <http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes->

permanentes/cssf/noticias/noticias-2016/comissao-discute-os-direitos-dos-surdocegos

Maia, S. R. (2004). A Educação do Surdocego - Diretrizes básicas para pessoas não especializadas. Dissertação de mestrado, Univeridade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, Brasil.

Masini, E. F. S., Teodoro, C. M., Noronha, L. F. F., & Ferraz, R. B. (2007). Concepções de professores do ensino superior sobre surdocegueira: estudo exploratório com quatro docentes. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, 88(220), 556-573.

Mello, M. C. (2007). O pensamento de Emilia Ferreiro sobre alfabetização. *Universidade de São Paulo*, 1(2), 85-92.

Miles, B. (2007). Perspectiva geral sobre surdocegueira. Em: G. Brasil & ABRASC, *Projeto Pontes e Travessias Formação Continuada: Guia-intérprete Empírico* (pp. 32-34). São Paulo: [s. n.].

Monteiro, M. A. (1996). A surdez-cegueira. *Revista Benjamin Constant*, 3, 12-20.

Moura, M. C., Lodi, A. C., & Harisson, K. M. (2005). História e Educação - o surdo, a oralidade e o uso de sinais. Em O. L. Filho, *Tratado de Fonoaudiologia*. (pp.341-364). Ribeirão Preto: Tecmedd.

Rebello, A. (2014). O desenvolvimento cognitivo e a tomada de decisão das pessoas surdocegas. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente*, 5(1), 211-221.

Sala, E., & Aciem, T. M. (2013). *Educação inclusiva: Aspecto políticas-sociais e práticos*. Jundiaí: Paco Editorial.

Serpa, X. (2005). Comunicação para pessoas surdocegas. Recuperado em 16 de outubro, de 2015, de

http://www.ahimsa.org.br/centro_de_recursos/projeto_horizonte/COMUNICACAO_PARA_PESSOAS_SURDOCEGAS.pdf.

- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2013). Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. Recuperado em 31 de maio, de 2016, de http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnEPQ/enepq_2013/2013_EnEPQ129.pdf.
- Silva, A. M. (2007). Histórico da Educação do surdocego no Brasil. Em: G. Brasil & ABRASC, *Projeto Pontes e Travessias Formação continuada: Guia intérprete Empírico* (pp. 15-19). São Paulo: [s. n.].
- Sternberg, R. J. (2010). *Psicologia Cognitiva*. Brasil: Cengage Learning.
- Valadão, M. N., Isaac, M. de L., Rosset, S. R. E., Araújo, D. B., & Santos, A. C. (2013). Língua de sinais: visualizando a recepção da linguagem por meio da ressonância magnética funcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, 21(2), 129-150.
- Vigotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotsky, L. S. (2008). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (1983). *Obras Escogidas*. Madrid: Gráficas Rógar.

APENDICE

A)

ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

GRUPO 1 – SURDACEGAS

1) Onde aprendeu Libras e Braille?
2) Como você se comunica com a sua família? I
3) Em quais momentos você mais interage com sua família?
4) Como é a comunicação com a professora e os seus colegas? I
5) Em quais momentos você mais interage com a professora e/ou seus colegas?
6) Quando perdeu a visão totalmente? O que mudou em casa? E na escola?

B)

GRUPO 2 – GENTORAS

1) Como era a interação com a sua filha quando ainda era surda? Como desenvolveu comunicação com ela?
2) O que mudou depois da surdocegueira?
3) Como ela demonstrava sentimentos como insatisfação, fome, dor, alegria? Como ela demonstra hoje?
4) Quais formas vocês utilizam para se comunicar hoje? (Se através de libras). Como aprendeu? De quem foi a iniciativa?
5) A comunicação que vocês desenvolveram em casa, de alguma forma ajudou na sua convivência na escola?

C)

GRUPO 3 – PROFESSORA/ GUIA INTÉRPRETE

1) Quando você recebeu sua aluna, como era o tipo de comunicação que vocês tinham? E hoje?
2) Que tipo de metodologia você utiliza com ela em sala de aula? Ela consegue dialogar criticamente com o que você apresenta para ela?
3) Como é a interação dela com você e os colegas? Como você estimulou essa interação?
4) Como ela expressa vontade, desejos, sentimentos e dor?
5) Qual é o seu critério de avaliação?

D)

Questionário Sócio demográfico**ATENÇÃO:**

➤ É de extrema importância que responda este questionário com veracidade. Assim como, a devolução deste é necessária e indispensável para sua participação no projeto de pesquisa.	
➤ Cada questão foi desenvolvida com o objetivo de acrescentar informações pertinentes a pesquisa, portanto, pedimos por gentileza, não deixe nenhuma questão sem resposta!	
➤ Todos os dados obtidos deste questionário serão confidenciais!	
Dados pessoais:	
Nome completo:	
Idade:	Gênero: <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino
Data Nasc.:	Profissão:
Endereço:	
Cidade:	Telefones:
Estado civil: <input type="checkbox"/> Solteiro <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/> União estável <input type="checkbox"/> Separado	
Nacionalidade: <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Outra Qual? _____.	
Escolaridade:	
Profissão:	
Caso trabalhe fora, qual é sua função?	
Há quanto tempo trabalha nesta empresa?	
Caso trabalhe fora, qual é a sua renda bruta?	
Há mais alguém na casa que trabalhe?	
Recebe algum tipo de benefício? Qual?	
Se está desempregado, há quanto tempo?	
Quantas pessoas moram em sua casa? (Incluindo você)	

Tem filhos: () Não () Sim Quantos?
Tipo de moradia: () Própria () Alugada () Terceiros () Cedida
Pertence alguma religião:
() Não () Sim Qual?
Já fez algum curso de Libras?
Você fala em Libras ou entende Libras?
Quem da família sabe Libras?
Renda familiar

ANEXOS

A)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE a ser utilizado.

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto: Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional e seus impactos nessas relações, sob responsabilidade da Prof.^a. Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione e a aluna Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdos nos contextos familiar e educacional, como formas de compreender se estes padrões possibilitaram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e não somente ao ato de comunicar-se, mas de interagir com o meio social.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo por meio da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). O Senhor (a) pode se recusar a responder qualquer questão (no caso da aplicação de um questionário) que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o (a) senhor (a).

A sua participação será da seguinte forma será aplicada uma entrevista semiestruturada onde será gravada e posteriormente será transcrita e um questionário sócio demográfico. O estudo trata - se de uma pesquisa qualitativa baseada na análise de conteúdo. O tempo estimado para sua realização é de 50 minutos.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade Católica de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Este projeto possui os seguintes benefícios: contribuição para o desenvolvimento científico, social e político acerca do tema pesquisado e apresenta os seguintes riscos possível: desconforto ou experiência emocional desagradável em decorrência do conteúdo investigado que serão minimizados da seguinte forma: apoio psicológicos gratuitos a qualquer momento da entrevista, ou posteriormente. Além disso, poderá ser suspenso da pesquisa caso apresente algum risco/danos à saúde do sujeito participante.

É de nossa responsabilidade a assistência integral caso ocorra danos que estejam diretamente ou indiretamente relacionados à pesquisa. Esta pesquisa não lhe trará custos e é de nossa responsabilidade o ressarcimento de custeio de despesas relacionadas à pesquisa.

Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Prof.^a. Isabelle Chariglione, na instituição Universidade Católica de Brasília telefone: (61) 3356-9784.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCB, número do protocolo CAAE 53889016.1.0000.0029. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas no CEP/UCB pelo telefone: (61) 3356-9784. O CEP da UCB está localizado na sala L02, no endereço Campus I - QS 07 – Lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o voluntário da pesquisa.

Nome / assinatura

Pesquisador Responsável
Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____

B)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE a ser utilizado para os pais

Seu filho (a) está sendo convidado (a) a participar do projeto: Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional e seus impactos nessas relações, sob responsabilidade do Prof.^a. Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione e a aluna Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdos nos contextos familiar e educacional, como formas de compreender se estes padrões possibilitaram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e não somente ao ato de comunicar-se, mas de interagir com o meio social.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome de seu filho (a) não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo por meio da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a). Ele (a) pode se recusar a responder qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para ele (a).

A participação do seu filho (a) será da seguinte forma será aplicada uma entrevista semiestruturada onde será gravada e posteriormente será transcrita e um questionário sócio demográfico. O estudo trata - se de uma pesquisa qualitativa baseada na análise de conteúdo. O tempo estimado para sua realização é de 50 minutos.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Instituição Universidade Católica de Brasília podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisador.

Este projeto possui os seguintes benefícios: contribuição para o desenvolvimento científico, social e político acerca do tema pesquisado e apresenta os seguintes riscos possível: desconforto ou experiência emocional desagradável em decorrência do conteúdo investigado que serão minimizados da seguinte forma: apoio psicológicos gratuitos a qualquer momento da entrevista, ou posteriormente. Além disso, poderá ser suspenso da pesquisa caso apresente algum risco/danos à saúde do sujeito participante.

É de nossa responsabilidade a assistência integral caso ocorra danos que estejam diretamente ou indiretamente relacionados à pesquisa. Esta pesquisa não lhe trará custos e é de nossa responsabilidade o ressarcimento de custeio de despesas relacionadas à pesquisa.

Se o (a) Senhor (a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Prof.^a. Isabelle Chariglione, na instituição Universidade Católica de Brasília telefone: (61) 3356-9784.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCB, número do protocolo CAAE 53889016.1.0000.0029. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas no CEP/UCB pelo telefone: (61) 3356-9784. O CEP da UCB está localizado na sala L02, no endereço Campus I - QS 07 – Lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o voluntário da pesquisa.

Nome do responsável / assinatura

Pesquisador Responsável
Nome e assinatura

Brasília, ____ de _____ de _____

C)

Termo de Assentimento

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional e seus impactos nessas relações”. A pesquisa é de responsabilidade da aluna Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo, com orientação da Professora Isabelle Patrícia Freitas Soares Chariglione.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto familiar e educacional, como formas de compreender se estes padrões possibilitaram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e não somente ao ato de comunicar-se, mas de interagir com o meio social.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome de seu filho não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo. Você pode se recusar a responder quaisquer questões que lhe traga constrangimento e poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para você.

A sua participação consistirá em responder um questionário sócio demográfico, o qual, a aluna pesquisadora fará as perguntas e a guia intérprete fará em libras tátil e preencherá a caneta no papel. Responderá algumas perguntas que serão feitas em libras tátil e as suas respostas serão traduzidas para o português simultaneamente para que haja gravação do áudio para posteriormente serem transcritas na íntegra.

A pesquisa será feita no Centro de Formação de Psicologia Aplicada (CEFPA) da universidade Católica de Brasília em Taguatinga. Os resultados serão divulgados na Universidade Católica de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisados. Se tiver dúvidas em relação a pesquisa, poderá enviar um e-mail para eliskeyllapsico@gmail.com.

Este estudo possui o benefício de compreender sobre os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional, trazendo assim conhecimento para que a sociedade, universitários, profissionais diversos, sobre a surdocegueira resultando assim em busca de mais conhecimento para dar espaço a estudos sobre a deficiência. Poderá trazer risco de constrangimento, reações emocionais relacionado ao conteúdo trazido pelo próprio participante.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCB, número de protocolo CAAE 53889016.1.0000.0029. As dúvidas em relação a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos pelo telefone (61) 3356-9784. O CEP da UCB está localizado na sala L02 no endereço Campos 1 – QS 07 – lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas não saberão quem é você.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora e a outra com você.

Nome/ assinatura

Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo (aluna pesquisadora)

Brasília, ___ de _____ de _____

D)

Termo de Assentimento para pais e/ou responsáveis

Seu filho está sendo convidado para participar da pesquisa “Os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional e seus impactos nessas relações”. A pesquisa é de responsabilidade da aluna Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo, com orientação da Professora Isabelle Patriciá Freitas Soares Chariglione.

O objetivo desta pesquisa é: Compreender se os padrões de comunicação de dois sujeitos surdocegos no contexto familiar e educacional, como formas de compreender se estes padrões possibilitaram o desenvolvimento de uma linguagem simbólica e não somente ao ato de comunicar-se, mas de interagir com o meio social.

Seu filho (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que o nome dele (a) não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo. Seu filho (a) pode se recusar a responder quaisquer questões que lhe traga constrangimento e poderá desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para você.

A participação dele (a) consistirá em responder um questionário sócio demográfico, o qual, a aluna pesquisadora fará as perguntas em libras tátil e preencherá a caneta no papel as respostas dele (a).

A pesquisa será feita no Centro de Formação de Psicologia Aplicada (CEFPA) da Universidade Católica de Brasília em Taguatinga. Os resultados serão divulgados na Universidade Católica de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais na pesquisa ficarão sobre a guarda do pesquisados. Se tiver dúvidas em relação a pesquisa, poderá enviar um e-mail para eliskeyllapsico@gmail.com.

Este estudo possui o benefício de compreender sobre os padrões de comunicação da surdocegueira nos contextos familiar e educacional, trazendo assim conhecimento para que a sociedade, universitários, profissionais diversos, sobre a surdocegueira resultando assim em busca de mais conhecimento para dar espaço a estudos sobre a deficiência. Poderá trazer risco de constrangimento, reações emocionais relacionado ao conteúdo trazido pelo próprio participante.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCB, número de protocolo CAAE 53889016.1.0000.0029. As dúvidas em relação a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos pelo telefone (61) 3356-9784. O CEP da UCB está localizado na sala L02 no endereço Campos 1 – QS 07 – lote 01 – EPCT – Águas Claras – Brasília – DF.

Ninguém saberá que seu filho (a) está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que ele nos dá. Os resultados da pesquisa vão ser divulgados, mas não saberão quem é você.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora e a outra com você.

Nome/ assinatura

Elisângela Keylla Henrique Sales Araújo (aluna pesquisadora)

Brasília, ___ de _____ de _____

